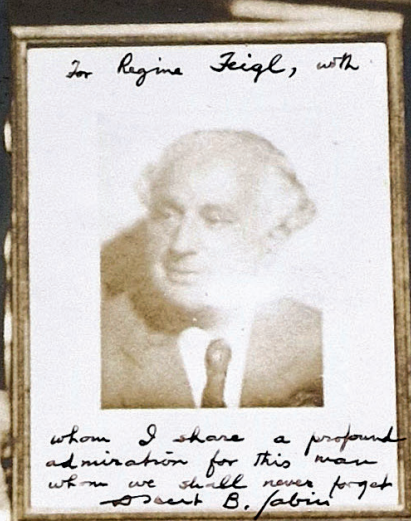




ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br



20/x/1971

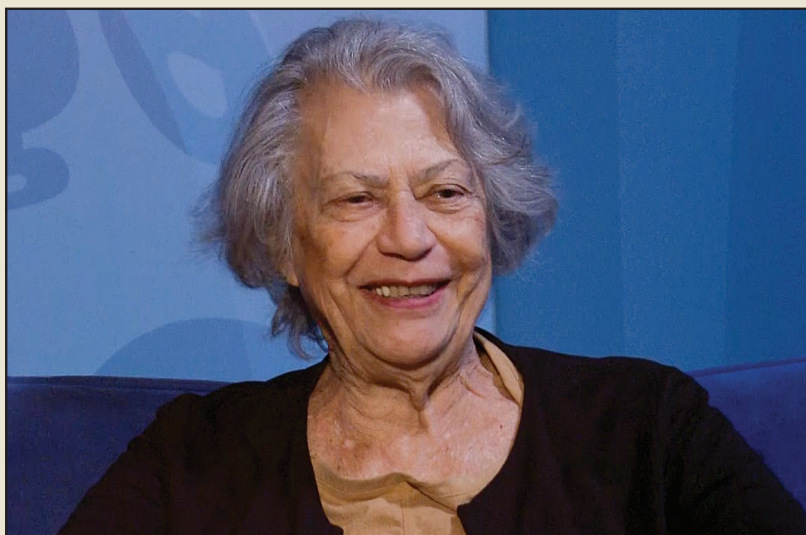
Museu Judaico: a luz que o tempo não apaga

Albert Sabin e Regina Feigl, dois nomes que ajudam a iluminar uma história de memória, pertencimento e contribuição à humanidade. Às vésperas de completar 50 anos, o Museu Judaico do Rio de Janeiro preserva, em seu acervo, trajetórias que fazem parte da memória cultural do Rio. Entre elas, a de Regina Feigl, uma mulher extraordinária cuja vida e legado ajudam a contar a história da comunidade judaica e da cidade que escolheu para viver. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Editorial

Situado na Rua México, 90, o Museu judaico hoje tem uma bela tradição de entidade honrada e eficiente. Suas fotos contam parte da história de Israel e do seu povo, com revelações por vezes surpreendentes. Na época da guerra, muitos judeus se mudaram da Europa para o Brasil, a fim de encontrar abrigo, escapando das perseguições nazistas, que sacrificaram tanta gente. Nesse movimento foi criado o Museu Judaico, que teve uma importante acolhida, e hoje é visitado por dezenas de pessoas, interessadas nessa história.

O Editor



A escritora Ana Maria Machado, em entrevista ao programa *Identidade Brasil* exibido pelo Canal Futura, apresentado por Isio Ghelman, conversa sobre literatura, formação de leitores, o prazer da leitura, o desafio de escrever para crianças sem subestimá-las e a importância da literatura como espaço de imaginação, liberdade e encontro com o outro.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editores-adjuntos: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

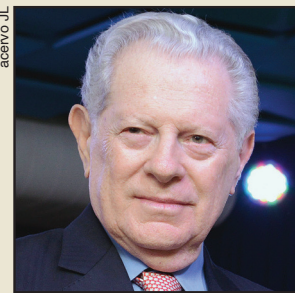
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião Arnaldo Niskier



Como virei torcedor do América F. C.

Estou com 91 anos de vida e sempre me dediquei ao esporte. Ainda garoto, com menos de 10 anos, morando primeiro na Abolição e depois no Riachuelo, era torcedor apaixonado do Fluminense.

Em 1944, meu pai transferiu a família para São Paulo, indo morar na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, nº 3196. Como aluno do Grupo Escolar Rodrigues Alves, passei a torcer também pelo Corinthians Paulista.

Dois anos depois, retornamos ao Rio de Janeiro e fomos morar na Rua Haddock Lobo, nº 290, na Tijuca, muito próximo da sede do América Futebol Clube. Foi ali que minha vida esportiva tomou um novo rumo. Tornei-me sócio-atleta do AFC. Iniciei minha trajetória como nadador infantil, disputando provas nas categorias infantil, infantojuvenil, juvenil e aspirante. Treinava diariamente e tinha como especialidade o nado livre.

Durante esse período, nadei durante três anos e conquistei 100 medalhas. Infelizmente, uma infecção no ouvido interrompeu minha carreira na natação e passei a me dedicar aos esportes terrestres.

Cheguei ao time infantojuvenil do América e fui titular do América Júnior. Foi ali que conheci e me tornei amigo de Mário Jorge Lobo Zagallo, que era alguns anos mais velho do que eu.

O jornalista João Máximo costuma contar a história de que Zagallo teria deixado o América para jogar no Flamengo porque eu era melhor do que ele na ponta esquerda. Essa versão, entretanto, não corresponde aos fatos. Zagallo deixou o clube juntamente com outros jogadores talentosos. Eu ainda atuava na equipe infantojuvenil e naturalmente subiria de categoria com a promoção daqueles atletas.

Mesmo assim, João Máximo voltou ao assunto em *O Globo*, de 2 de março de 2014: “Antes de disputar o campeonato pelo juvenil do Flamengo, Zagallo andou pelo América. Diz a lenda, não confirmada por nenhum dos dois, que ele só foi parar na ponta esquerda porque o meia-esquerda era muito melhor: Arnaldo Niskier...”

Por influência do treinador Roberto Renato de Castro, técnico da equipe principal de basquete do América, passei a integrar também o time juvenil de basquete do clube. Disputei três campeonatos cariocas vestindo a camisa rubra. Foi nesse período que deixei definitivamente minha antiga simpatia pelo Fluminense para tornar-me um fiel torcedor do América. A convivência diária com atletas, dirigentes e funcionários do clube tornou essa mudança natural e definitiva. Também disputei um Campeonato Carioca de voleibol como levantador.

Encerrada minha passagem pelo *basket* do América, transferei-me para o Clube Municipal, que disputava a segunda divisão do campeonato carioca. Tornei-me capitão da equipe e vivi uma das maiores emoções da minha carreira esportiva.

Conquistamos o título estadual. Em reconhecimento, recebi o título de sócio laureado do Clube Municipal, distinção que conservo com muito orgulho.

Tive ainda a honra de participar do desfile de inauguração do Estádio do Maracanã, em 1950, representando o América como nadador. Foi uma emoção inesquecível participar daquele momento histórico. Joguei também algumas partidas no Maracanã defendendo a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Distrito Federal, posteriormente Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Outra equipe que defendi foi a do Clube Macabeus, da Tijuca. Minha ligação com o esporte prosseguiu também no jornalismo. Fui repórter esportivo da *Última Hora* e posteriormente da *Manchete Esportiva*. Também colaborei com a *Gazeta Esportiva* de São Paulo.

O esporte marcou profundamente minha vida. Como atleta, vivi momentos inesquecíveis nas piscinas, nas quadras e nos campos. Como jornalista, acompanhei de perto grandes acontecimentos esportivos. Mas foi no América Futebol Clube que encontrei minha verdadeira casa esportiva. Ali construí amizades para toda a vida, vivi experiências inesquecíveis e me tornei, para sempre, um fiel torcedor rubro.

MAM Rio inaugura exposição de longa duração

Por Manoela Ferrari



Obra de Emiliano Di Cavalcanti.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro inaugurou a exposição de longa duração “Entre o moderno e o contemporâneo: arte nas coleções do MAM Rio”.

Reunindo obras de cerca de 170 artistas que ajudam a contar a história da arte moderna e contemporânea no Brasil, a mostra garante acesso permanente a um patrimônio fundamental para o país. O percurso articula a trajetória da produção artística nacional nos séculos XX e XXI à história do próprio museu, destacando o papel desempenhado pela instituição na formação e difusão da arte brasileira.

A exposição toma como ponto de partida o projeto moderno que, nas primeiras décadas do século XX, buscou produzir uma cultura capaz de expressar a singularidade nacional. Foi esse mesmo impulso que contribuiu para a criação do MAM Rio, fundado em 1948. A partir dessa conexão histórica, a mostra acompanha diferentes movimentos, linguagens e experimentações que marcaram a arte brasileira, ao mesmo tempo em que revela a presença do museu carioca em momentos decisivos dessa trajetória.

Organizada de forma cronológica, a montagem estrutura-se em oito núcleos: Modernismos, Abstrações além da forma, O impulso geométrico, O retorno da figuração, Arte experimental, A nova pintura nos anos 1980, Elementos apropriados e A partir de 1990. A divisão dialoga com categorias consolidadas pela historiografia da arte no Brasil, permitindo ao visitante acompanhar transformações estéticas, conceituais e políticas que atravessaram a produção artística ao longo do século XX e das primeiras décadas do século XXI.

Entre as obras apresentadas estão marcos importantes, como A japonesa (1924), de Anita Malfatti, ou Urutu (1928), de Tarsila do Amaral; trabalhos de Alfredo Volpi e Guignard associados aos desdobramentos do modernismo; pinturas de Iberê Camargo, Manabu Mabe e Tomie Ohtake ligadas às pesquisas abstratas informais do pós-guerra; obras de Ivan Serpa, Judith Lauand e Franz Weissmann que ajudam a compreender o desenvolvimento da arte geométrica no país; além de trabalhos de Hélio Oiticica, Cildo Meireles, Antonio Manuel e Artur Barrio, artistas centrais para a expansão dos limites da arte brasileira a partir das décadas de 1960 e 1970.

Embora estruturada cro-



A japonesa (1924), de Anita Malfatti.

nologicamente, “Entre o moderno e o contemporâneo” não propõe uma narrativa linear ou definitiva. A presença de obras que perpassam diferentes momentos históricos e uma expografia concebida para estimular múltiplos percursos convidam o público a estabelecer relações transversais entre períodos, linguagens e contextos distintos. O projeto expográfico retoma referências do design moderno, ao mesmo tempo em que cria condições para leituras abertas e não hierárquicas do conjunto apresentado.

A narrativa expositiva é enriquecida por verbetes distribuídos em QR codes ao longo da mostra, que oferecem acesso a textos, fotografias e documentos preservados nos acervos documentais do museu, e contextualizam episódios decisivos da história do MAM Rio e da arte brasileira.

Serviço:

End: Av. Infante Dom Henrique, 85

Aterro do Flamengo - Rio de Janeiro | RJ

Horários de visitação:

Quartas, quintas, sextas, sábados domingos e feriados, das 10h às 18h



Obra de Alfredo Volpi.

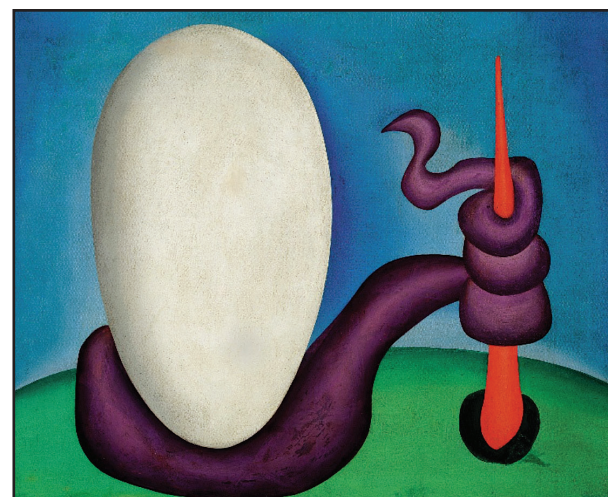


Uma noite na China, de Beatriz Milhazes.



Obra de Candido Portinari.

Obra de Tarsila do Amaral.



Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● O EX-MINISTRO WELLINGTON MOREIRA FRANCO revela, pela primeira vez, os bastidores das articulações que moldaram o Brasil nas últimas décadas em *Política como Destino* (Ed. TopBooks).

● *INESQUECÍVEIS* (ED. BAZAR DO TEMPO), organizado por Ana Rüsche e Lubi Prates, recupera vozes da poesia brasileira, traçando um panorama do século XVIII ao XXI.

● DIVIDIDO EM QUATRO EIXOS TEMÁTICOS, *Uma História da Literatura Brasileira Contemporânea* (Ed. Todavia), de Regina Dalcastagné, mergulha na diversidade ficcional brasileira produzida nas últimas décadas.

● ARTE, POLÍTICA, EROTISMO, LINGUAGEM E CULTURA marcam *Os Dois Hemisférios do Meu Colarinho* (Ed. Ateliê), primeiro livro de poesias do jornalista e professor Eugênio Bucci.

● *Os ENIGMAS SINGULARES* (ED. CÍRCULO DE POEMAS) é a primeira antologia do cardeal português José Tolentino Mendonça publicada no Brasil.

● *NOS SEIS ENSAIOS DE LACUNA* (ED. RELICÁRIO), o escritor e professor Felipe Charbel trata das relações entre literatura e vida.

● *FALTAS* (ED. DBA), LIVRO AUTOBIOGRÁFICO da ativista trans argentina Cecília Gentili, narra seus primeiros anos de vida, base para sua luta em defesa dos marginalizados.

● *EM SÓ OS LOUCOS BATEM PALMAS PARA O CÉU* (ED. CAVALO), a poeta, compositora e violoncelista Denise Emmer, vencedora do Prêmio Alceu Amoroso Lima, depura questões como a solidão e o desamparo.

● COM BASE EM MAIS DE CEM ENTREVISTAS, livros e reportagens, o jornalista Uirá Machado conta a história de Mequinho, o maior enxadrista brasileiro de todos os

tempos, em *Entre Bispos e Reis* (Ed. Todavia).

● PARTINDO DA PRODUÇÃO DE AUTORES CONSAGRADOS, a premiada Maria Valéria Rezende toca a fronteira entre “escrita” e “reescrita”, propondo novos desfechos de textos clássicos, no elogiado *Recapitulações* (Ed. 4).

● *NO TURBILHÃO DA GALERIA* (ED. ARQUIPÉLAGO) reúne crônicas do carioca Álvaro Costa e Silva, trazendo 83 textos sobre samba, futebol, literatura, Carnaval e política.

● *AI DE NÓS, COPACABANA* (ED. MÓRULA), de Alexandre Medeiros, traz uma coleção de crônicas que percorrem ruas e memórias do bairro.

● ELIANA ALVES CRUZ LANÇOU UMA EDIÇÃO revista e ampliada de *O Crime do Cais do Valongo* (que inaugurou, na Ed. Record, a série *Crimes Coloniais*).

● TRANSITANDO ENTRE ENSAIO, RELATO E REFLEXÃO FILOSOFIA, *Zen Ciclismo* (Ed. Gryphus), de Juan Carlos Kreimer, traça também um panorama histórico da bicicleta.

● SAIU O NOVO LIVRO DE POEMAS do piauiense Diego Mendes Sousa: *Igarapé* (Editora Litteralux).

● EM *MEMORIAL DO INVERNO* (ED. OBJETIVA), Roberto Pompeu de Toledo mostra que a vida de um recém viúvo de 80 anos pode ser repleta de novas descobertas.

● *SIMONE DE BEAUVOIR: UMA MOÇA NADA COMPORTADA* (ED. L&PM), de Sophie Carquain e Olivier Grojnoski, traça uma biografia em quadrinhos de uma das intelectuais mais brilhantes do século XX, ícone do feminismo.

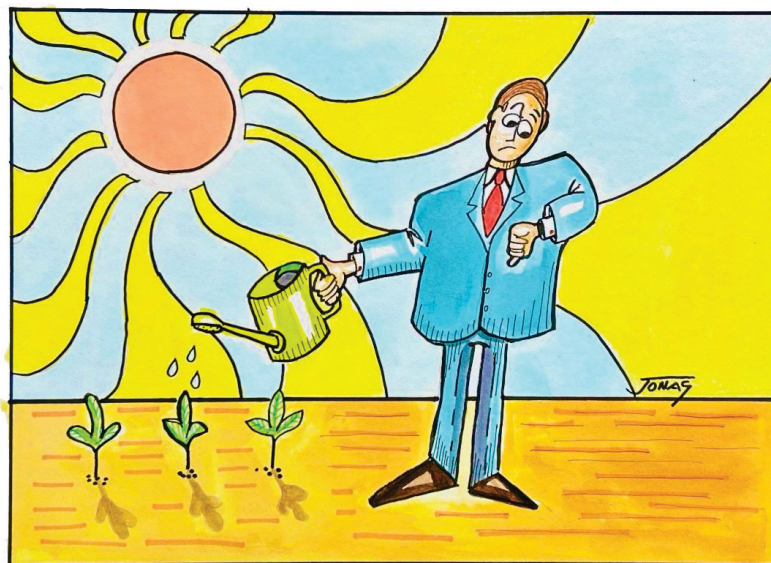
● *MÚSICA DE MORTOS SUAVES*, EDIÇÃO PÓSTUMA do mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke, reúne catorze contos – doze deles inéditos, em publicação organizada por Rodrigo Simon de Moraes.

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

FAZENDEIRO EXECUTIVO



● DIVIDIDO EM CINCO SEÇÕES, *Você Leu os Comentários?* (Ed. Teatro da Mente), apresenta 46 poemas criados por Diana de Hollanda a partir de comentários retirados da internet.

● ROMANCE DE FORMAÇÃO SOBRE O complexo processo de luto, *O Ano do Cometa* (Ed. Fósforo) marca a estreia de Maria Brant na literatura.

● *APNEIA* (ED. COSAC), de Esther Faingold, trata de temas como maternidade, sexualidade, memória e diáspora.

● O ACLAMADO ESCRITOR E CIENTISTA POLÍTICO mexicano Yuri Herrera retrata, em *Trilogia Mexicana* (Ed. Amarcord), um país dominado pela violência e pelo tráfico.

● COTADO AO NOBEL DE LITERATURA, o poeta chileno Raúl Zurita teve a primeira antologia de poemas publicados no Brasil: *Sua Vida Quebrando-se* (Editora Círculo de Poemas).

● *OS NOMES* (GRUPO EDITORIAL RECORD), de Florence Knapp, ganhou o prêmio de Melhor Livro de Estreia de Ficção no British Book Awards de 2026.

● ÚLTIMO ROMANCE DE LEV TOLSTÓI, *RESSURREIÇÃO*, publicado em 1899, teve edição

da José Olympio e tradução diretamente do russo assinada por Irineu Franco Perpétuo.

● PROPONDO A LEITURA DA MENOPAUSA longe dos clichês, Inês Garland entrevistou homens para escrever *Diário de uma Mudança* (Ed. Instante), oferecendo uma reflexão sobre as transformações do climatério.

● *JOEL, O CONTADOR DE HISTÓRIAS* (ED. PALLAS), com texto de Cintia Barreto e ilustrações de Rodrigo Andrade, homenageia o historiador Joel Rufino dos Santos (1941-2015), pioneiro na luta contra o racismo.

● *O AMOR NA SALA ESCURA* (ED. BAZAR DO TEMPO), de Clarice Escorel, é ambientado entre o Rio dos anos 1990 e a São Paulo dos anos 2000.

● FRANCESA RADICADA NO RIO DESDE 1985, Dominique Jardy é o tema do livro-arte *Mata Adentro – Dominique Jardy*, escrito pela historiadora Lorelai Kury, com fotos de Jaime Acioli.

● *FOLHAS DE BORDO*, NOVO LIVRO DE MARÍLIA MANGUEIRA (autora de *A Ostra e o Teatro*) pode ser encontrado em ebook, nas redes sociais da autora.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Atenção na estrada

“Helô hesitou na hora de optar pela rodovia Rio Petrópolis, pois achava que estava muito esburacada.”

Prudência sempre é bom!

Veja: Deve-se usar o hífen em certas palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares. Ex.: ponte **Rio-Niterói**, eixo **Rio-São Paulo** etc.

Frase correta: “Helô hesitou na hora de optar pela rodovia **Rio-Petrópolis**, pois achava que estava muito esburacada.”

Faltou linguíça

“André disse que não comeria a linguíça calabresa de jeito algum.”

Esse prato nem existe no cardápio!

A grafia correta é calabresa, com s.

Para relembrar: segundo o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, a palavra linguíça não tem mais o sinal trema, devendo ser grafada sem o mesmo.

Frase correta: “André disse que não comeria a linguíça **calabresa** de jeito algum.”



Para conhecer Machado de Assis – Dom Casmurro

Capítulo XXXII / Olhos de Ressaca

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuiu que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me.

Flores em profusão

“Marcela adorava rosas, mas preferiu fazer um jardim de madre-silvas.”

Não vai florescer, escrevendo assim!

Veja:

Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição. Ex.: paraquedas, pontapé etc.

Frase correta: “Marcela adorava rosas, mas preferiu fazer um jardim de **madressilvas**.”

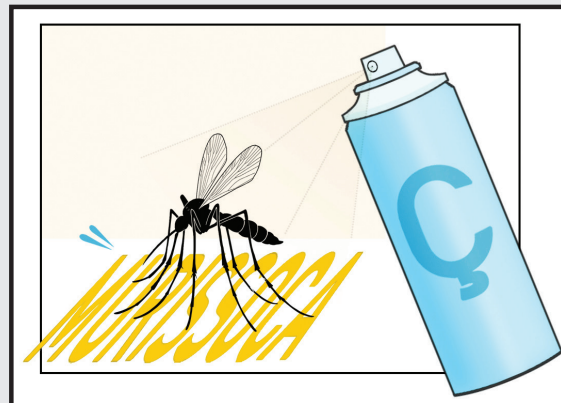
Ataque na trilha

“Ricardo viajou para fazer trilhas nas florestas da Costa Verde e foi atacado pelas murissocas.”

Não aproveitou e nem soube escrever o nome do inseto.

Não existe a palavra “murissoca”, a grafia correta é **muricoca** (espécie de pernilongo; a origem do nome, segundo Houaiss: “tupi *mbe-ru’soka ‘pernilongo’, formado do tupi mbe’ru ‘mosca’ e tupi ‘soka ‘que quebra, que parte, que fura’; há tb. as f. meruçoca, moruçoca, muruçoca;

Frase correta: “Ricardo viajou para fazer trilhas nas florestas da Costa Verde e foi atacado pelas **muricocas**.”



Politicagem

“William cobrou do deputado maior transparência no seu mandato.”

Não pode cobrar nada, escrevendo dessa maneira.

Veja a diferença: **mandado** – ordem judicial; **mandato** – período de um governo.

Frase correta: “William cobrou do deputado maior transparência no seu **mandato**.”

A digitalização e os “queima-papéis”

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Interessante é que, com relação à literatura e ao movimento literário em geral, são muitos os parâmetros para acompanharmos a sua saúde. É fato o decréscimo do número de leitores, dizem os mapas de leitura no Brasil. O que nem sempre se pode deduzir diretamente dos números de comercialização de livros, por conta do segmento de didáticos. Mas segue aquecido o mercado de feiras literárias e animado o movimento de clubes de leitura Brasil afora, um outro ângulo de observação.

Deve-se partir de uma constatação básica: ninguém é obrigado a ler livros, e nem todas as pessoas gostam de lê-los. Necessário é que se ponham ao alcance de todos as ferramentas que lhes possibilitem ler – a alfabetização – e informar a todos das vantagens da leitura, como se faz nas escolas e tem a ver com a ideia de direito à literatura trabalhada por Antônio Cândido. Como consequência, o dever de manter bibliotecas públicas acessíveis a todos. Hoje, aliás, mais facilmente, pela facilidade de manutenção de acervos on-line. O que coloca uma questão: a disponibilização de livros on-line permite o descarte dos originais digitalizados? É que parece se desenhar um futuro em que se conservará em condições ideais um exemplar de cada livro já publicado, pondo a obra acessível on-line. Neste caso, o custo da democratização no acesso seria um sistema de assinatura mensal, ou coisa parecida, tornando

obsoleto o acesso gratuito aos livros da nossa biblioteca particular. Será então mera questão de contabilidade, do que pesará menos no bolso. E daí o prazer de folhear o papel das páginas, o fetiche por uma encadernação exótica ou o interesse particular na conservação de um determinado título não passarão de excentricidades de saudosistas de um tempo fadado ao desaparecimento.

Mas há outra possibilidade nisso de digitalização de livros, e os fins agora seriam outros. Circulam pela internet notícias sobre um suposto movimento de aquisição em massa de obras antigas para treinamento de inteligência artificial. Ora, ocorrendo em massa a aquisição, alcançada a finalidade do comprador, o destino dos livros será o descarte. Assim, ao cenário (ainda desconfortável atualmente) da conservação da memória literária deixando-a, em tese, ao alcance de todos (mas sujeita a regulamentação pela organização que detém os dados) opõe-se um outro, mais apocalíptico, de absorção pura e simples de todo o conhecimento para sua futura disponibilização “processada” por meio da inteligência artificial.

Escrevendo há quarenta anos, Renato Pacheco, magistrado e escritor capixaba, publicou um pequeno conto a que deu o título *A seita dos queima-papéis*. No mundo emergido “depois da terceira revolução mundial”, os biblios, como se chamavam, clamavam pela destruição total dos registros, aos gritos de “queimemos todos os papéis...”. A tese era a de que “a nova civilização não precisa de registros, livros de contabilidade, cartórios, processos escritos, diplomas” pois “você é quem é, sua palavra vale o que vale”. A destruição incluiria quadros, celuloide, todos os suportes. O conto pode ser lido no livro *Vinte Anos sem Renato Pacheco*, disponível on-line (!) no site do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo: www.ihges.org.br. E faz pensar: de todos os futuros possíveis nesse assunto, o desfecho sugerido por Pacheco representaria um reinício? É a literatura sugerindo uma resposta, pelo que vale a (rápida) leitura.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

A primeira vez

Por Gabriel Chalita*

Foi no primeiro ano do curso de engenharia. Nos vimos. Nos vimos pela primeira vez. E nos vimos no dia seguinte. Pela primeira vez. Era o que eu sentia. Ela, de poucos dizeres. Eu querendo sentir o que ela sentia. Havia um homem que a acompanhava até a faculdade. Eu não sabia o que ela sentia. Pelo homem. Por mim.

Os dias que se seguiram foram sempre pela primeira vez. Foi o que ela me disse depois. Havia uma promessa entre eles. Entre o pai dela e o dele. Havia um desejo entre nós. Por isso, era sempre pela primeira vez.

O primeiro beijo demorou algum tempo. E ela chorou. E eu desentendi. Foi em um bosque perto da quadra perto do teatro perto da piscina. No fundo, eu sentia que ela sentia. Ela chorou. O choro levou para longe meus pensamentos. Foi em um junho distante. Quase férias.

No primeiro beijo, não falamos. Na volta, nos beijamos. E não falamos. Foi como o primeiro beijo. E outros, também. Sempre o primeiro. O choro deixou de estar. Eram outros tempos.

O curso prosseguiu. O da engenharia e o da vida. E o da engenharia da vida. O prometido não lhe dizia nada. Era um arranjo.

Um arranjo de flores ficava sempre na entrada da biblioteca onde os livros descansavam a espera. Ela vivia de esperas. De que algo acontecesse. Na biblioteca, ela disse do prometido e da sua paciência com a espera. Ela disse do sono e do sonho. O que se pode pedir ao sono? O sonho era o fim. Era o desvestir a vida da promessa de outros. Era uma autorização para o desejo.

Na biblioteca nos falamos pela primeira vez. Entre livros que guardam engrenagens e amor. O amor é uma engrenagem delicada. Na biblioteca, folheamos as nossas almas e revelamos segredos. Era a primeira vez. E nos meses que se seguiram era sempre a primeira vez.

E, no fim do ano, nos demos um fim para o ano que ia começar. E respiramos felizes. Eu conversaria com **o pai** dela. Seria o início de tudo o que antes havia sido apenas preparação.

Sempre é um início do que se preparou antes. Ou não. Há inícios quando estamos despreparados. E no tema do amor são comuns.

Quando no início do ano nos falamos, a felicidade que eu vi na fala do fim do ano que havia passado já não era a mesma. Aquele junho do primeiro beijo já estava distante uma eternidade.

E ela disse que era preciso desvestir de futuro os dias. Nos beijamos. A cada vez, a primeira vez.

Eu argumentei, lembrei planos e projetos. Desenhei em palavras a casa dos nossos sonhos.

Ela chorou. E impediu o prosseguimento. Pensei, pensei tanto, pensei que o tempo, antes dela, se contava de outra maneira. E, também, a espera. E, também, o pensamento.

No junho do ano seguinte ao ano em que tudo era pela primeira vez, ela mudou de faculdade, de cidade, de vida. O tempo demorou para recolher a dor e a surpresa de não sentir com ela o mundo.

Foi meu primeiro amor. Se tivéssemos prosseguido, eu pensaria nela como penso hoje? O que teria sido? Seria sempre a primeira vez? O conquistado é tão forte quanto o desejado? Somos a busca do que nos falta?

Naqueles dias, ela me faltou. A primeira vez que apaguei a luz do quarto com o pensamento nela, pensei a vida inteira com ela. A primeira vez que apaguei a luz do quarto quando a sala de aula estava sem ela, pensei a vida inteira com ela. Porque ela voltaria. Porque ela disse amor. Porque ela disse da promessa do outro e não dela. Porque ela prometeu dizer sempre pela primeira vez o amor.

Escrevi cartas e cartas para ela. Para aliviar o dizer sem dizer. Um dia, lancei fora. Pena. Gostaria de ler. Gostaria de ler, hoje, para ler o tempo em que conheci o amor. Pela primeira vez.

Já vivi outros amores. Já desejei e realizei e já deixei de desejar. Na engenharia dos desejos, é bom desejar. Na engenharia dos desejos, é bom deixar de desejar. É bom quando é a primeira vez.

O amor faz com que tudo seja a primeira vez. A espera. O beijo. O toque. A palavra. A saudade.

Quando estava triste ou quando tirava férias da tristeza, era a primeira vez. E, quando ria, também. Na primeira vez, o riso para uma descoberta da vida. E a primeira vez que o riso vira choro é a maior dor do mundo. Depois, a maior dor do mundo dói de novo e é, de novo, a primeira vez.

A carência. O preenchimento da carência. A carência de novo. E, de novo, a busca. Nunca nadamos na piscina que ficava perto de tanta coisa. É tudo tão distante.

No dia que amanheceu hoje, é a primeira vez que penso nela. Quanto menos futuro temos, mais passado pensamos. É a primeira vez que penso nisso. Hoje. Aquele junho do início. Aquele junho do fim. Uma vida inteira entre um junho e o outro.

Entre os invernos, nasceram as outras estações, e as outras estações morreram. E, também, o inverno. Na vida longa que vivi, os dias de calor viveram muito. E é, por isso, o riso. E porque rio, sei que ainda estou vivo. Como se fosse tudo pela primeira vez.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Boulevard Olímpico

Por Lasana Lukata

Garça, voo rasante em cardumes...

No Boulevard Olímpico,
entre pescadores
içando bagre, corvina, tainha,
havia um com uma linha
invisível dentro d'água,
prendendo o presente ao passado,
pescador capturado,
olhos banidos para o horizonte,
praticava pesque e solte.

Nas águas floridas,
sempre vestida
de penas coloridas
para cavar as feridas –
Garateia, sinfonia de anzóis.

Anzol se agarra à pele,
arpão, ao coração.
Pode a palavra, como peixe,
sobreviver até um dia
fora do poema?

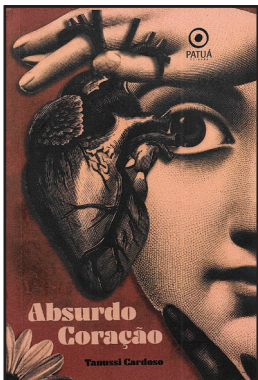
Entre pescadores,
o homem, com linha invisível,
linha dobrada, de pesca pesada,
duelo de sombras no abismo,
camuflagem versus camuflagem,
passou o dia pescando,
fisgando o mesmo peixe,
o peixe-pedra.

Este homem sou eu.

Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Absurdo Coração

Absurdo Coração (Patuá Editora), nova coletânea do escritor Tanussi Cardoso, celebra suas oito décadas de vida. Versando sobre temas que vão da inexorabilidade do tempo à peregrinação da existência e das relações humanas, a edição é aberta com textos de dois importantes poetas: Adriano Spínola e Ricardo Alfaya, que assinam, respectivamente, prefácio e apresentação. Já a orelha coube à poeta Suzana Vargas, que destaca, entre outros aspectos, o rigor do material reunido. A obra é dividida em duas

partes: *Dentes cravados no tempo* e *O tempo que nos habita*. Na primeira, o poeta expõe sua percepção sobre temas relacionados a finitude e aos infortúnios da existência. Já na segunda parte, predomina a lírica que, como Spínola avalia em seu prefácio, está “voltada para a subjetividade e as vicissitudes do eu”. Formado em Jornalismo pela PUC-Rio, e em Língua Inglesa pelo *British Brazilian Course* do Rio de Janeiro, Tanussi Cardoso trabalhou como Técnico-Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Em 2000, formou-se em Direito, na Faculdade Bennett, no Rio de Janeiro. Como jornalista, trabalhou como repórter na Rádio JB, no Jornal Rio Letras e no jornal O Fluminense. É autor de vários livros, entre eles, *Desintegração* (1979) e *Boca Maldita* (1982).

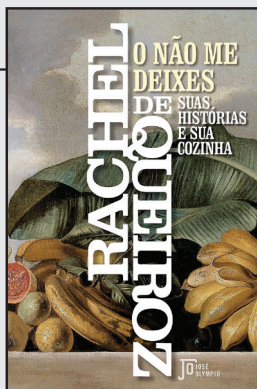
Apenas um Olhar pelo Brasil

Apenas um Olhar pelo Brasil – Região Sudeste (Ipsis Gráfica e Editora, 2026) é o primeiro livro de uma coleção que pretende percorrer as cinco regiões brasileiras através da mesa posta. Em caprichadíssima edição de capa dura, com 304 páginas, a obra se tornou realidade graças ao talento e à dedicação de uma equipe capitaneada por Fabienne Bezerra, autora e idealizadora do projeto, responsável pela concepção artística e pela produção das mesas. Um trabalho coletivo que transforma pesquisa, arte, fotografia e design em uma celebração da cultura brasileira e do encontro em torno da mesa. Ao seu lado estão Isabel Corção, fotógrafa responsável pelas belíssimas imagens; Ana Maria Roldão, historiadora que reúne e pesquisa os conteúdos sobre história, folclore, fauna e flora; e Priscila Bodin, diretora criativa e fundadora da Mancha Gráfica, estúdio responsável pelo projeto gráfico, pela edição e pela diagramação. Fabienne Bezerra é economista e iniciou sua carreira, em 1980, no Grupo Jardim da Saudade, tornando-se CEO do grupo em 2005, função que exerce até hoje. Em 2018, lançou seu primeiro livro, *Apenas um Olhar*, dando início a uma trajetória que une sua experiência profissional à paixão pela arte de receber e pela celebração dos encontros à mesa.



O Não Me Deixes

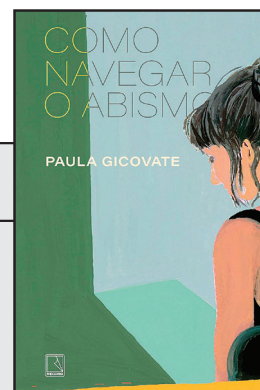
A Editora José Olympio lançou uma nova edição de *O Não Me Deixes*. A edição conta com a colaboração de Maria Luíza de Queiroz, irmã caçula de Rachel. A apresentação é de Flávio de Queiroz Salek, neto da escritora. O livro traz memórias da imortal Rachel de Queiroz sobre seu refúgio preferido, com receitas culinárias afetivas. A autora traz a público suas lembranças sobre a fazenda “Não Me Deixes”, (localizada em Quixadá, no sertão do Ceará), que herdou do avô e onde construiu seu refúgio, e apresenta as receitas que preparava para a família e os amigos. Primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, sem fugir de seu tema preferido – o Nordeste brasileiro –, Rachel resgata memórias afetivas vividas em sua fazenda, com destaque para a cozinha. Ao mesmo tempo, ela comenta a culinária sertaneja e toda a sofisticação da gastronomia nordestina, com influência dos povos originários, dos negros escravizados e dos colonizadores portugueses. Rachel de Queiroz (1910- 2003) ainda não tinha 20 anos completos quando publicou *O Quinze*, seu primeiro romance. Tal era a força de seu talento que o livro despertou imediata atenção da crítica em todo o Brasil. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 92 anos.



Como Navegar o Abismo

Como Navegar o Abismo é o terceiro romance de Paula Gicovate, que marca também

sua estreia na Editora Record. Reconhecida por explorar os afetos, os desejos e as zonas mais delicadas dos relacionamentos amorosos pela ótica feminina, a autora apresenta, agora, uma narrativa sobre perda, reconstrução e a difícil tarefa de voltar à vida quando tudo aquilo que parecia sólido deixa de existir. A obra parte da experiência pessoal da autora, que perdeu a mãe em 2022, mas envereda pela ficcionalização de si e da experiência vivida do luto. Mais do que um romance sobre o luto, porém, trata-se de uma narrativa sobre reinvenção. A reflexão se amplia para uma questão recorrente na experiência feminina: a responsabilidade pelo cuidado. Numa terceira camada, o livro aborda, ainda, a maternidade sob uma perspectiva realista, onde o amor convive com o fardo. O desejo, o amor, o sexo, o trabalho e a criação aparecem no romance como forças capazes de devolver movimento à existência quando tudo parece paralisado. Paula Gicovate nasceu em Campos dos Goytacazes, em 1985. É autora dos romances *Notas sobre a impermanência*, semifinalista do Prêmio Oceanos 2022 e publicado em Portugal, e *Este é um livro sobre amor*, lançado também na Espanha.



Kikando com os Homens Maduros

O Que Eles Dizem: Kikando com os homens maduros (Ed. Lacre) é o terceiro livro de Kika Gama Lobo. Partindo de uma escuta afiada, o texto desloca o eixo da fala para iluminar um território pouco frequentado: o da experiência masculina madura em sua dimensão mais íntima. O livro, derivado do podcast *PodPau*, organiza depoimentos de homens 55+ que, sem verniz, abordam temas historicamente interditados ao masculino. Há, no projeto, uma busca de atrito produtivo: tensionar o machismo estrutural ao mesmo tempo em que se escuta o indivíduo capturado por ele. Homens que foram socializados para o silêncio agora ensaiam a palavra. O mérito central da obra está na curadoria da escuta. O livro evidencia não apenas fragilidades individuais, mas um colapso de referências. Sem concessões retóricas, a autora assume sua própria tensão – “não é ódio ao indivíduo, mas ao sistema”. O resultado é uma obra que convoca o leitor ao desconforto reflexivo. Kika Gama Lobo é carioca, escritora e criadora de conteúdo sobre maturidade na internet. Colunista semanal da *Veja Rio* sobre longevidade, é sócia da festa *Kikando* e autora de *Kikando na Maturidade* (2022) e *Crônicas de uma Carioca Grisalha* (2024).



A Última Revolução do Trabalho

Há livros que procuram explicar o futuro. A *Última Revolução do Trabalho* (Ed. Citadel, 2026), de Alexandre Icaza, prefere fazer algo mais incômodo: perguntar se estamos realmente preparados para vivê-lo. Em uma época em que a inteligência artificial deixou os laboratórios e passou a ocupar escritórios, escolas, empresas e profissões, o autor examina, com narrativa fluida e acessível, uma transformação que já não pertence ao campo da ficção científica. O que está em jogo, sustenta Icaza, não é apenas a substituição de determinadas tarefas, mas uma mudança profunda na relação entre conhecimento, trabalho, autonomia e sobrevivência. Com mais de três décadas de atuação no mercado de tecnologia, Alexandre Icaza acompanhou de perto a transformação do ambiente digital. Foi pioneiro do comércio eletrônico brasileiro como um dos sócios da Sack's, a perfumaria on-line posteriormente adquirida pelo grupo LVMH, e construiu uma trajetória que atravessa empreendedorismo, investimentos e inovação. Hoje, atua também como investidor em startups e transita entre tecnologia, mercado financeiro, impacto social e novas formas de organização. Sua experiência ajuda a dar ao livro uma perspectiva particularmente interessante: a de quem não observa a revolução tecnológica da arqui-bancada, mas participou de algumas das mudanças que a antecederam.



Torcedores

Por Ricardo Cavaliere*

No Brasil, é comum que perguntemos a alguém, em uma conversa amena: “para que clube você torce?” Com efeito, o futebol é tão presente na cultura de nosso povo que naturalmente presumimos que todo cidadão brasileiro é um torcedor. Se a resposta é “não torço para time algum”, a reação é de surpresa, quando não de decepção, como se fosse uma condição anômala. Portanto, ser brasileiro e ser torcedor é, em certa medida, pleonástico. Há algum tempo, instigou-me a curiosidade o uso do termo: por que os aficionados, como dizem nossos irmãos d’além mar, entre nós são “torcedores”. O ato de torcer (do lat. *torquere*), que originalmente significa “fazer girar as extremidades de algo em direções opostas”, nos jogos e competições desportivas passou a ter um valor metafórico: “desejar ardentemente que alguém ou uma equipe tenha sucesso e conquiste a vitória.” Como ainda não se sabe a motivação desse sentido figurado do verbo torcer, muita criatividade e pouca veracidade se tem dito a respeito.

Já houve quem dissesse que o termo surgiu do hábito de torcer as luvas na aflição de desejar a vitória de seu time, muito comum entre

as mulheres dos estádios de futebol. Outros afirmam que torcer é próprio de quem “distorce”, caso típico do torcedor que só enxerga os fatos favoravelmente a seu time de coração. Nesse sentido de “distorcer”, por sinal, em um artigo publicado em 1885 no *Diário de Belém*, o autor, identificado sob o pseudônimo de “O auctor dos escriptos”, acusa um outro articulista de ser um “simples torcedor de palavras e de textos de São Bernardo”. Estará aí a origem metafórica do termo?

Na verdade, a única certeza que se tem hoje é de que o ato de torcer para que algo aconteça é anterior até mesmo à chegada do futebol ao Brasil e, no plano desportivo, era muito comum nas corridas de cavalo. Em um artigo publicado no ano de 1894 em *O Paiz*, o jornalista Urbano Duarte, fundador da cadeira n.º 12 da Academia Brasileira de Letras, afirma que um tal Manoel Joguinho inventou a expressão “Estou torcendo” para expressar o desejo intenso de que o cavalo em que apostou vencesse o páreo. Segundo Duarte, dos hipódromos a expressão expandiu-se para outras situações sociais, como a do indivíduo que senta no último banco do bonde e “torce, torce para que a bella vizinha da frente lhe lance uma olhadela...”

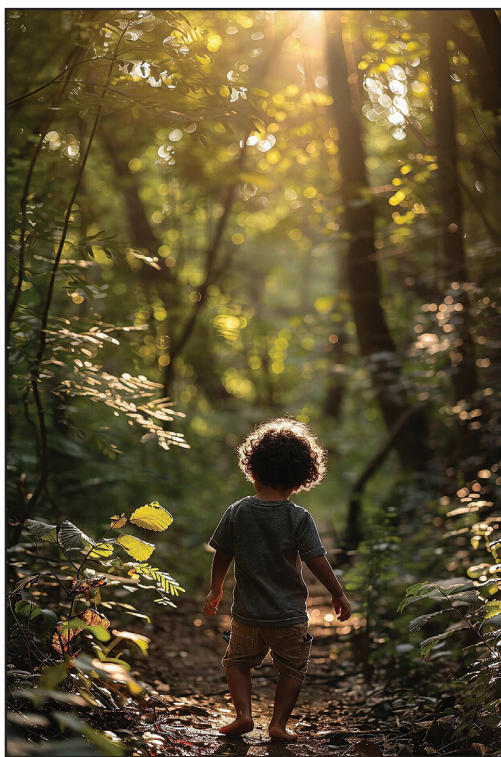
Enfim, se ainda não temos certeza de que o ato de torcer é realmente uma ideia do Manoel Joguinho, ao menos sabemos que em nada se refere às belas torcedoras que, apesar do calor intenso, compareciam de luvas aos estádios de futebol. Nestes nossos tempos de consulta ao Google, há efetivamente pouca etimologia e muita ficção.

*Ricardo Cavaliere é filólogo, linguista e membro da Academia Brasileira de Letras.

O menino da floresta

Por Godofredo de Oliveira Neto*

Não consigo saber se estou dormindo, se sonho, se é verdade, se imagino a vela bruxuleando, se apagando, tremendo, morrendo. O menino do mato está na minha frente, assim do nada, fala de Oxóssi, Jesus, Buda, Maomé, numa das mãos o Corão, na outra a Torá, uma Bíblia ao lado, fala de indígenas, Nossa Senhora, eu choro, não acredito. São duas da manhã, o que ele quer? Não encontrou a paz necessária? Está vivo? Está morto? Fala em liberdade de culto, escolha de gênero, de amor, de respeito, de tolerância, de justiça, aponta-me o dedo, ameaçador, eu petrificado, enxergo-o pela luz da rua coada pelas persianas, acendo as luzes da sala, ele está, sim, no sofá, me olha, não é um sonho, tem nas mãos uma folha, penso nos mortos que me deixaram, quero perguntar se ele sabe como eles estão, meu choro aumenta, ele levanta, com a voz empostada põe-se a ler um texto que escrevi há algum tempo, peço perdão, não sei bem porquê, mas é o que vem ao espírito, o perfume e as cores do Vale me invadem, chove, troveja, canto de pássaros, mugidos, latidos, venta, as árvores balançam, copas endoidecidas, pai e mãe acenam, sobrinho, pessoas queridas, amigos mortos, não, deve ser o excesso de trabalho, falta de tempo, de grana, leitura em demasia, os olhos embaralham, me sinto enjoado, vomito? Respiro fundo? Ele me olha e lê, compenetrado. A caminho do Fundão: lembranças despertadas pela grama molhada do *campus* da UFRJ, Deus, Jesus, Oxóssi, medo, arte. Em busca do tempo perdido. Indígenas? Em passeio pela Mata Atlântica do Vale do Itajaí, terra dos Xoklengs, área extremamente montanhosa já confeitada por majestosas araucárias entre canelais, cedros e caviúnas, me vi, de súbito, invadido por um medo terrível, um pânico inexplicável e constrangedor, um choro contido, um pavor. Já caminhara cerca de uma hora mata adentro por uma picada conhecida. Observava pássaros com binóculos, uma das minhas obsessões que me procuram uma sensação de completude, perfumes, sons, cores, movimentos, uma sinestesia arrepiando pele e alma. Buscava uma mancha de árvores – bagueiras, assim chamadas – onde conviviam dezenas e dezenas de bicos-de-pimenta, pássaro maravilhoso de penas inteiramente negras, cromatismo rompido por um bico



vermelho do tom da malagueta, daí o seu nome. Seu canto é penetrante e enfeitiçador. Logo o ruído. De passos? Do voo de uma coruja acordada de repente? De bugios no alto da caneleira? Tirivas inquietas na copada das sucupiras e das perobas? De patas do puma que diziam ter sido visto nas tifas, braços de riachos e picadões? De um Xokleng perdido? Logo a surpresa. Um menino, cerca de dez anos, acho, encostado no tronco de uma araucária. Vestia um tipo de bermuda, sem camisa, descalço, queimado de sol. O cabelo escorrido e molhado. Vai embora, Oxóssi não te quer aqui. Gelei. A frase do menino vinha acompanhada de um gesto de mão como me enxotando. Pensei na prova oral de Latim na segunda às 7h30 no Santo Antônio, no Frei Odorico Durieux, o professor – não é genitivo, seu imbecil, como podia ser essa a tradução? Logo corrigi, agora sim, meu filho, vais vencer, Deus está contigo; pensei nos Beatles, minha adoração, era baterista numa banda na época; pensei nos poetas Cruz e Sousa, Baudelaire e Drummond, ensinados com esmero pela professora

Dona Frida – a arte vence tudo, meu menino, ela dizia, e ia me salvar ali na frente do outro menino? Pensei no meu pai lendo Juca Mulato do Menotti del Picchia em voz alta, que eu ia depois, ideologicamente, detestar; pensei na família. E o menino ali. Olhos esbugalhados. Vai embora, Oxóssi não te quer. Chorei nessa última hora desbragadamente. Porque não sei. Fui me afastando devagar, a mãozinha me enxotando, fria e convicta. Vai embora, vai. De início devagar, passei a correr como um louco. No dia seguinte um amigo espírita me disse que era eu em outra encarnação, um outro judeu me prometeu uma ida à Sinagoga, um muçulmano paranaense me levaria à casa dos seus pais para um tipo de oração, como ele disse, o parceiro negro ao terreiro para descarrego, uma amiga ao culto evangélico, li sobre religiões da Índia e tudo que pude. E me debrucei apaixonadamente nos estudos sobre a religiosidade dos Xoklengs e dos indígenas do Brasil. Desde então – tinha 13 anos – defendo a liberdade de culto e o respeito por todas as religiões. O medo inexplicável pelo menino da floresta me fez crescer. Às vezes tenho a impressão de que ele está me olhando de dentro do espelho no banheiro ainda hoje. Se pudesse voltava lá a sua procura, mas sem medo, ia lhe dar um abraço. Ele não precisava me enxotar. Adoro a floresta. O menino me olhou na sala iluminada, vi lágrimas,

ele chorava? Mas parecia também sorrir, caminhou em direção à porta, abriu-a, saiu, não ouvi o elevador. Não consegui me mexer. A folha com o A Caminho do Fundão ficou no sofá. Uma folha de papel desconhecida para mim, manuscrita, não era a minha letra. Não conseguirei dormir. Amanhã dou aula na Graduação e na Pós.

*Godofredo de Oliveira Neto é escritor, professor universitário e membro da Academia Brasileira de Letras.

N'O *Ateneu*, a “Missa do Galo” de Sérgio e Ema

Por Edmilson Caminha*

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. Coragem para a luta.” Assim tem início a história de Sérgio contada por Raul Pompeia, abertura que se põe entre as melhores do romance brasileiro. Obra-prima publicada em 1888, na juventude dos 25 anos, por um escritor que se mataria em 1895, como lembra o memorialista Antonio Carlos Villaga: “Morreria com 32 anos, mergulhado nas águas do desespero. Era o dia de Natal. Brigara com Luís Murat. E fora demitido da direção da Biblioteca Nacional. Estava entregue à angústia.” Ao empossar-se na cadeira da Academia Brasileira de Letras que tem Pompeia como patrono, o crítico Afrânio Coutinho ressalta que, para o historiador Capistrano de Abreu, era o romancista o único dos seus contemporâneos que lhe dava a impressão de gênio.

Não por se passar em uma escola pertence *O Ateneu* à chamada “literatura infantojuvenil”, destinada a alunos do ensino fundamental e do ensino médio. Domingo Gonzalez Cruz o adaptou livremente, com boa mão, para o “público jovem”, mas o livro é para adultos, tal a riqueza humana e o refinamento literário desse autêntico romance de formação, o *Bildungsroman* dos alemães. Um romance impressionista, no conceito de Afrânio Coutinho:

A sua “crônica de saudades” [subtítulo que lhe deu o autor] obedece à técnica da recuperação do passado, que seria usada pelo impressionista Proust em busca do tempo perdido e como um recurso para encontrar a essência da personalidade. A análise interior e a introspecção condizem nele com a preocupação da escola quanto ao aspecto psicológico. A “escrita artista” veicula a sua obsessão da cor, a que subordina até a solução das metáforas e da sintaxe. Era um visual, atraído pelos gestos, ritmo, movimento, e pelas diferenças de matizes corados, e inclusive na caracterização dos personagens, graças à técnica da caricatura, em que se mostrou exímio.

Aos onze anos, a chegada de Sérgio ao internato do *Ateneu* representava para meninos como ele, nas últimas décadas do século XIX, um marco divisor: passava-se da proteção dos pais, do aconchego da família para a convivência com estranhos, em um microcosmos onde se revelavam todos os sentimentos humanos, que iam da solidariedade fraterna a interesses escusos, da elevação espiritual à fraqueza de caráter. A exercer domínio absoluto sobre estudantes e professores, o Dr. Aristarco Argolo de Ramos, que há trinta anos, no Rio de Janeiro, fundara o colégio para vê-lo transformar-se em escola-modelo, a cujos eventos esportivos e culturais compareciam ninguém menos do que a Princesa Isabel e o marido, Conde d’Eu.

Um dos grandes personagens da literatura brasileira, Aristarco é magistralmente definido por Pompeia: tem “a obsessão da própria estátua”, e, ante as dezenas de retratos com que aprendizes o bajulam, vê-se “aplaudido em chusma por alter-egos, glorificado por uma multidão de si-mesmos”. Com talento para a propaganda, faz chegar às mais remotas províncias do Brasil publicações do seu colégio, o que lhe garante boa parte dos 300 alunos a quem sonha oferecer um ensino moderno, sem punições e sem castigos corporais. Trata-os, não obstante, segundo as notas do livro-caixa: com atenção e delicadeza os que pagam em dia, com má vontade manifesta os inadimplentes... Era, “distendido em grandeza épica, o *homem-sanduíche* da educação nacional, lardeado entre dois monstruosos cartazes. Às costas, o seu passado incalculável de trabalhos; sobre o ventre, para a frente, o seu futuro: a *réclame* dos imortais projetos”.

Retratista com mão de mestre (foi ele próprio, não por acaso, o primeiro ilustrador do romance), Pompeia compõe admiravelmente, como se as desenhasse, as figuras dos companheiros de Sérgio:

O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio – palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o *bicanca*, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foice; o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso, incapaz de ficar sentado três minutos (...); Batista Carlos, raça de bugre, válido, de má cara, coçando-se muito, como se o incomodasse a roupa do corpo (...). O resto, uma cambadinha indistinta, atormentados nos últimos bancos, confundidos na sombra preguiçosa do fundo da sala.

Nessa composição de retratos, símiles, metáforas e atributos com a leveza do bom humor: Nearco é “magro como uma preleção de osteologia”, “sério como um bispo”; no pescoço de Aristarco, uma fita de dignitário “que o enforcava de nobreza”; o *menu* permanente da escola, “inviolável como a letra das Constituições”; o dormitório, um “museu de sono”, e o fagote da banda,

“único aparelho capaz de produzir artificialmente a fanhosidade colérica das sogras”.

A percorrer toda a história, como um rio subterrâneo, a pulsão da libido, a força do desejo, o latejar do sexo, prova de que não é *O Ateneu*, realmente, livro para crianças. Logo nos primeiros dias de aula, Sérgio ouve a sugestão do veterano Rebelo:

Faça-se forte aqui; faça-se homem. Os fracos perdem-se. Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. (...) Os gênios aqui fazem dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.

Entre os colegas do protagonista-narrador, “em meio à efeminação mórbida das escolas”, o Almeidinha, com seu “rosto de menina”, e Cândido, “com aqueles modos de mulher”. Ele próprio chega a aceitar relações homoafetivas de adolescentes que um dia serão homens:

A amizade de Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. (...) No movimento geral da existência do internato, desvela-se caprichosamente; sabia ser, de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante, tanta era a minudência dos seus cuidados. (...) Confusamente ocorria-me a lembrança do meu papelzinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade cênica ao ponto de galanteá-lo, ocupando-me com o laço da gravata dele, com a mecha de cabelo que lhe fazia cócega aos olhos; soprava-lhe ao ouvido segredos indistintos para vê-lo rir (...).

Esposa de Aristarco, Ema faz-se perceber pelo menino Sérgio:

Bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas, de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também a cor do jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. Adiantava-se por movimentos oscilados, cadência de minueto harmonioso e mole que o corpo alternava. Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhosa de Ema.

Parece personagem de Machado de Assis, recatada e tentadora a um só tempo. Internado na enfermaria do colégio, a senhora o visita com desvelo que certamente não mereceriam outros alunos. Tudo de acordo com o que manda a boa literatura erótica, em que mais vale insinuar do que dizer, sugerir do que mostrar:

A primeira vez que me levantei, trêmulo da fraqueza, Ema amparou-me até a janela. (...) Sustinha-me em leve enlace, tocava-me com o quadril em descanso. (...) O meu passado eram as lembranças do dia anterior, um especial afago de Ema, uma atitude sedutora que se me firmava na memória como um painel presente, as duas covinhas que eu beijava, que ela deixava dos cotovelos no colchão premido, ao partir, depois da última visita à noite, em que ficava como a esperar que eu dormisse, apoiando o rosto nas mãos, os braços na cama, impondo-me a letargia magnética do vasto olhar.

Lembra a “Missa do Galo”, conto antológico de Machado, com o jogo de insinuações e disfarces entre o jovem Nogueira e a atraente Conceição. Em uma história como na outra, a simbólica presença dos braços de mulher, quando desnudá-los, sobretudo a sós com um homem, era ousadia cheia de intenções.

Tudo acabaria, no dizer de Pompeia, bruscamente, como chegam ao fim os maus romances:

Um grito súbito fez-me estremecer no leito: fogo! fogo! Abri violentamente a janela: O *Ateneu* ardia. (...) De vários pontos do telhado, semelhante colunas torcidas, espiralavam grossas erupções de fumo; às janelas superiores o fumo irrompia também por braços imensos (...). Tratadas a fogo, as vidraças estalavam. Distinguia-se na tempestade de rumores o barulho cristalino dos vidros na pedra das sacadas, como brindes perdidos da saturnal da devastação.

Sobre as causas do incêndio, as especulações iam de que o ateara um aluno rebelde à suspeita de que o próprio Aristarco, sob a cobrança de credores, cometera o crime para receber o seguro. Como em um rito de purificação, transformou-se em cinzas o *Ateneu*, símbolo da educação brasileira no século XIX também prestes a desaparecer. Em meio aos escombros, a tentação de Ema, por culpa de quem Sérgio perdeu a sua “Missa do Galo”...

*Edmilson Caminha é membro da Academia Brasileira de Letras.

Museu Judaico: a luz que o tempo não apaga

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Às vésperas de completar 50 anos, o Museu Judaico do Rio preserva uma história que é, também, parte da memória cultural da cidade.

Há histórias que desaparecem quando ninguém mais se dispõe a contá-las. E há objetos que parecem silenciosos até que alguém lhes devolva a voz. Uma fotografia, uma carta, um passaporte, uma menorá, um livro antigo. Cada um deles pode carregar uma vida inteira.

É desse gesto de resgate que nasceu o Museu Judaico do Rio de Janeiro, que em 24 de novembro de 2027 completará 50 anos. Meio século depois de sua criação, a instituição conserva documentos, objetos, fotografias, livros e testemunhos que ajudam a reconstruir a trajetória da comunidade judaica no Rio e, por extensão, uma parte importante da própria formação cultural da cidade.

Uma história que começa pequena

No ano de 1977, três casais da comunidade judaica carioca, Naum e Ester Kosovski, Jorge e Bela Josef e Chaim e Rosa Szwertszarf, deram os primeiros passos para criar uma instituição que reunisse e preservasse os vestígios da presença judaica no Brasil. A iniciativa contou com a participação de outros integrantes da comunidade e nasceu de uma preocupação simples e, ao mesmo tempo, urgente: antes que o tempo apagasse os sinais de uma trajetória construída por sucessivas gerações, era preciso reuni-los.

O primeiro objeto foi uma menorá (candelabro de sete braços, um dos principais símbolos do judaísmo), réplica de um candelabro italiano do século XVIII, adquirida do artesão José Feldman, judeu nascido na Rússia e radicado no Rio.

A partir dali o acervo cresceu. Vieram fotografias, livros, documentos, cartas, objetos religiosos, periódicos, registros institucionais e materiais trazidos por famílias que perceberam que aquilo que guardavam em casa poderia ter um significado muito maior.

É assim que uma coleção deixa de ser apenas uma reunião de coisas. Passa a ser um retrato. Entre as peças está a coleção de hanukiot, candelabros utilizados durante a festa de *Chanuká*, formada por 69 exemplares de diferentes procedências. São objetos que atravessaram geografias e gerações, revelando como uma tradição pode permanecer reconhecível mesmo quando muda de lugar, de forma e de contexto.



A menorá (candelabro de sete braços) é um dos principais símbolos do judaísmo.

Judeus do Rio, histórias do Brasil

A presença judaica na cidade é muito anterior ao Museu. Diferentes ondas migratórias, especialmente nas primeiras décadas do século XX, trouxeram ao Rio famílias vindas da Europa e de outras partes do mundo. Algumas fugiam da pobreza e da instabilidade política. Outras escapavam de perseguições que, em pouco tempo, assumiram uma dimensão trágica.

Aqui, começaram novamente. Abriam negócios, fundaram escolas, associações e sinagogas, criaram jornais, participaram da vida cultural e econômica e formaram famílias. Os filhos nasceram brasileiros. Os netos já pertenciam inteiramente à cidade, embora muitas vezes continuassem carregando hábitos, histórias e tradições herdadas dos avós.

Expoente

Entre as histórias que ajudam a contar a trajetória da comunidade

judaica no Rio de Janeiro e que integram o acervo de memória do Museu está a de Regine Feigel, uma mulher extraordinária que, além de sua trajetória pessoal marcada pela imigração e pela perseguição nazista, deixou uma importante contribuição para a cidade que escolheu como lar.

Nascida em 1897, em uma família judia polonesa, Regine estudou em Viena e era doutora em Química, com conhecimentos também de engenharia, economia e finanças. Com o marido, o renomado químico Fritz Feigel, e o filho, deixou a Europa diante do avanço do nazismo. Depois de uma trajetória de fuga que passou por diferentes países, a família chegou ao Rio de Janeiro em 1940, como refugiada. Aqui, encontrou não apenas um lugar para reconstruir a vida, mas também a possibilidade de transformar conhecimento, coragem e espírito empreendedor em projetos que marcariam a história da cidade.

Regine foi uma empreendedora muito à frente de seu tempo. Em 1944, criou a fábrica de alcaloides ALCA e encontrou uma solução para um problema provocado pela própria economia brasileira durante a Segunda Guerra Mundial: o enorme excedente de café que não podia ser exportado. Com a colaboração do marido e de especialistas, desenvolveu um processo para transformá-lo em cafeína, que chegou a ser fornecida à Coca-Cola do Brasil.

Mas foi no cenário urbano do Rio que seu nome se tornou especialmente marcante. Regine foi responsável pela construção do Edifício Avenida Central, na Avenida Rio Branco, inaugurado em 1961. Para a época, tratava-se de um empreendimento monumental, com mais de mil salas e cerca de 250 lojas, erguido com uma moderna estrutura de aço pré-moldado produzida no Brasil. Regine não apenas venceu a concorrência para construir o edifício como assumiu o desafio de entregá-lo antes do prazo e cumpriu o compromisso.

Sua atuação, entretanto, ultrapassava os negócios. Professora e benemerita da PUC-Rio, Regine também destinou recursos a instituições como a Pró-Matre, a Orquestra Sinfônica Brasileira e o Museu de Arte Moderna do Rio. Era uma mulher de grande independência, que atravessou guerras, perdas e recomeços sem abrir mão da própria autonomia. Morreu no Rio de Janeiro, em 1991, aos 94 anos.

Resgatar a história de Regine Feigel é, portanto, também resgatar uma parte da própria história do Rio. Sua trajetória reúne em uma mesma vida a experiência de uma família judaica que encontrou refúgio no Brasil, a contribuição dos imigrantes para a sociedade carioca e a participação de uma mulher pioneira na construção da cidade moderna. Ao preservar essa memória em seu acervo e em suas histórias, o Museu Judaico do Rio de Janeiro mantém viva uma personagem que, como tantas outras, poderia ter sido apagada pelo tempo. Regine Feigel, porém, permanece como testemunho de coragem, inteligência, empreendedorismo e pertencimento: uma mulher judia que chegou ao Rio fugindo da intolerância e ajudou, com seu trabalho, a transformar a cidade que a acolheu.



Após a guerra, 1.564 rolos da Torá ("Torot") roubados pelos nazistas foram resgatados, restaurados e distribuídos a sinagogas e museus pelo mundo.

Homenagem aos sobreviventes

O Museu dispõe de biblioteca, acervo documental, fotografias, vídeos, periódicos e materiais de pesquisa que permitem reconstruir trajetórias individuais e coletivas. Mantém também um Núcleo de Estudos dedicado à imigração judaica e ao Holocausto e desenvolve projetos de história oral, recolhendo depoimentos de imigrantes e descendentes.

A história, nesse caso, não está apenas nos livros. Está também na voz de quem viveu. Uma

homenagem aos sobreviventes. Há, porém, uma razão especialmente dolorosa para que o Museu Judaico mantenha vivo o passado europeu. A instituição é também uma homenagem aos sobreviventes do Holocausto, muitos dos quais reconstruíram suas vidas no Brasil e alguns dos quais ainda vivem no Rio. Para essas pessoas, a Shoah não pertence a um passado distante. Ela faz parte de suas biografias.

São histórias de famílias interrompidas, cidades abandonadas, parentes que desapareceram, vidas reconstruídas em outro continente. Há quem tenha chegado ao Brasil carregando quase nada além de documentos, fotografias e lembranças. E há quem tenha precisado reconstruir até mesmo a própria ideia de futuro.

O Museu dá lugar a essas experiências. Não para transformar a tragédia em espetáculo, mas para impedir que ela seja reduzida a uma data nos livros de História.



Durante o nazismo, os judeus europeus foram obrigados a usar a estrela de Davi amarela costurada às roupas (foto).

O horror materializado

A exposição permanente dedicada ao Holocausto reúne objetos, fotografias e documentos alusivos à tragédia. Entre eles estão um uniforme de campo de concentração e uma estrela de Davi amarela. A estrela talvez seja uma das peças mais eloquentes.

Durante o nazismo, os judeus europeus foram obrigados a usar a estrela de Davi amarela costurada às roupas. Um símbolo de identidade religiosa foi deliberadamente transformado em marca de identificação, humilhação e segregação. A lógica era perversa justamente por sua simplicidade: identificar para separar; separar para excluir. O que veio depois pertence a uma das páginas mais sombrias da história humana. Por isso, diante daquela pequena estrela, o visitante não está apenas diante de um objeto. Está diante de uma escolha política transformada em matéria.

O uniforme do campo de concentração produz o mesmo choque de outra maneira. É a roupa de alguém que existiu. O tecido, as marcas, a forma, tudo o que resta de uma pessoa reduzida pelo regime nazista a um número e a uma categoria. Objetos assim têm uma força que não depende de explicações. Eles estiveram lá.

Uma biblioteca contra o esquecimento

A exposição é apenas uma das formas pelas quais o Museu trabalha o tema. A instituição mantém uma biblioteca com mais de 300 títulos dedicados ao Holocausto, além de um acervo mais amplo relacionado à cultura, à história e à literatura judaicas. Possui também uma videoteca com mais de mil títulos e um núcleo voltado à pesquisa.

Ao longo do ano, realiza mostras periódicas, palestras, encontros e atividades educativas que procuram ampliar o debate sobre o Holocausto, a imigração, a intolerância e a experiência judaica. É uma distinção importante. O Museu não se limita a conservar. Ele interpreta, pesquisa, provoca perguntas. Uma instituição cultural só permanece viva quando aquilo que guarda continua capaz de dialogar com o presente.

Durante o mês de agosto, por exemplo, o Museu promoveu um bate-papo com o imortal Arnaldo Niskier, ex-atleta do América FC, como parte da exposição “Dentro e fora do campo – judeus no futebol carioca”. Entre as muitas curiosidades da mostra, destacamos: as táticas WM e 4-2-4 foram introduzidas no futebol brasileiro por técnicos judeus; a primeira mulher a presidir um grande clube de futebol foi uma carioca judia (Patrícia Amorim, no Flamengo); o Fluminense, durante a Segunda Guerra, mobilizou seus sócios para arrecadar dinheiro, comprou um monomotor e doou às Forças Armadas.

Uma casa no coração do Rio

Desde 1986, o Museu funciona na Rua México, 90, no Centro do Rio. A atual sede foi cedida em comodato pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, a FIERJ, e pela Confederação Israelita do Brasil, a CONIB.



O acadêmico Arnaldo Niskier foi uma das atrações da exposição “Dentro e fora do campo – judeus no futebol carioca”, promovida pelo Museu Judaico do RJ.

O endereço tem uma força simbólica. O Museu está no coração da cidade, próximo de algumas de suas mais importantes instituições culturais. Não é uma presença periférica, destinada apenas a um grupo específico. Está inserido no circuito cultural do Rio.

Isso ajuda a responder a uma pergunta que parece simples, mas é fundamental: para quem é um museu judaico? Para os judeus, certamente. Mas não somente. É para quem quer compreender a imigração. Para quem pesquisa a história do Rio. Para quem se interessa por religião, literatura, arte e cultura. Para quem quer conhecer a trajetória de uma comunidade que ajudou a construir a cidade. E também para quem acredita que a convivência começa pelo conhecimento.

Em 2027, o Museu completará 50 anos no dia 24 de novembro. Uma data como essa merece mais do que uma celebração protocolar. O cinquentenário é uma oportunidade para ampliar o alcance da instituição.

Uma história que pertence a todos

Preservar a experiência de uma comunidade não significa fechá-la dentro de si mesma. Ao contrário. Significa oferecê-la à cidade.

A história judaica brasileira é feita de imigração, reconstrução, trabalho, cultura, religião, literatura, arte, perdas e reinvenções. É uma história particular, mas também é parte da experiência brasileira de receber, acolher, transformar e ser transformada. Por isso, o Museu pode ser entendido como uma espécie de espelho. Ao olhar para a trajetória judaica no Rio, a cidade também enxerga sua própria vocação plural.

E talvez seja esse o papel mais sofisticado de um museu de comunidade: não dizer apenas “esta é a nossa história”, mas provocar a pergunta “o que essa história revela sobre todos nós?”

A luz que permanece

Talvez não seja por acaso que o Museu tenha começado com uma menorá. A luz, na tradição judaica, é símbolo de continuidade. No Museu, ela adquire também outro significado: a possibilidade de iluminar aquilo que o tempo gostaria de deixar na sombra. Uma fotografia. Um livro. Um passaporte. Uma carta. Uma *chanukiá*. Uma voz. Uma estrela amarela. Um uniforme. Um nome. Pequenos vestígios que, juntos, recompõem uma existência.

Cinquenta anos é tempo suficiente para que uma instituição deixe de ser apenas um projeto de seus fundadores e se transforme em patrimônio. Mas talvez seja também o momento de lembrar que preservar não é apenas olhar para trás. É decidir o que merece continuar sendo visto.

E, num mundo em que o esquecimento pode ser tão veloz quanto à informação, manter uma luz acesa talvez seja uma das formas mais discretas e mais necessárias de resistência.

O aniversário será do Museu. Mas a história que ele se encarregou de preservar é de todos nós.



Serviço:

Horário de visitação: segunda a quinta-feira, de 10 às 16 horas; sexta-feira, de 10 às 14 horas.

Visitas guiadas para escolas devem ser agendadas pelo telefone 2240-1598 e 2524-6451. Entrada franca.

Rua México 90 - 1º. Andar – Telefone: (21)2524-6451.

O acervo do Museu Judaico do Rio é bastante significativo.

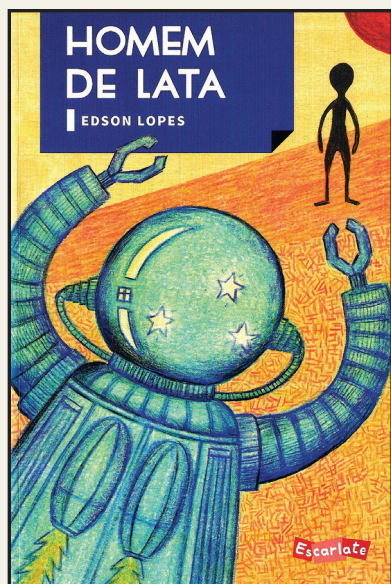
A importância dos prêmios literários!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Participar de júris de literatura nos proporciona uma ampla visão da produção editorial do período determinado; permite conhecer novos autores; referenda autores já conhecidos e visualizamos um mundo mágico de possibilidades de inúmeras e originais histórias. O premiado, geralmente, alcança maior reconhecimento pelo destaque dado a obra vencedora.

Fui duas vezes membro do júri da Biblioteca Nacional, em literatura juvenil (2018) e em literatura infantil (2025).

Desde a criação do prêmio Rio Literatura (2016 a 2019), criado pela Fundação Cesgranrio, participei na pré-avaliação das categorias Ficção e Ensaio.



Lembro com muito carinho, quando fui convidada por Fabíola Farias para participar do júri do prêmio João-de-Barro (2016), promovido pela Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Na categoria texto literário, a obra vencedora foi *Homem de Lata*, de autoria de Edson Lopes Leite (Fortaleza – CE). A originalidade da história do robôzinho que transformou a aridez do sertão nordestino por acreditar que estava em Marte e a sua “amizade” com o menino Sabiá, levou o prêmio.

Mas, outros textos também apresentaram qualidade e criatividade e se destacaram.

Um texto especial, com um título enorme, chamou a minha atenção: *O Dia em que a Minha Vida Mudou – Por causa de um chocolate comprado nas Ilhas Maldivas* – de Keka Reis. Divertido, escrito de maneira leve e cativante, o texto apresentava todas as angústias, aflições e alegrias de uma menina pré-adolescente.

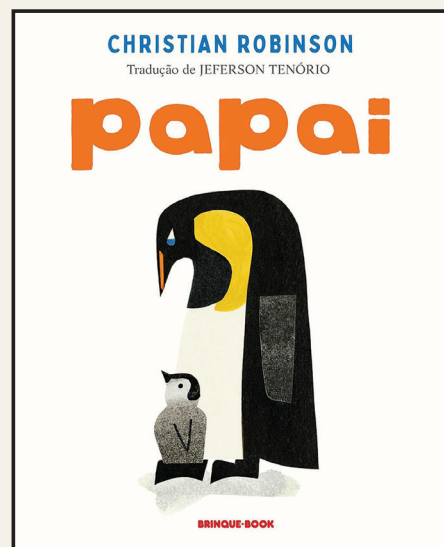
Editada pela Escarlate, a obra possui as características do perfil editorial do selo da Companhia das Letras. *Crescer pode ser uma aventura!* E que ótima surpresa ao conhecer os novos livros de Keka, reunidos no “selo para leitores 8+”.



Lançamentos

Papai – (Brinque-Book) – Christian Robinson (texto e ilustrações), tradução de Jeferson Tenório. Como a afirmação na capa: *Uma homenagem aos pais de todos os tipos, jeitos e espécies!*, a paternidade é representada em muitas formas na natureza, o que desperta a curiosidade sobre os animais e mostra como a comparação com os pais humanos pode levar a situações bem divertidas. O “leite” do flamingo me surpreendeu!

Ilha Tempestade – (Pequena Zahar) – Brian Floca escreveu e Sydney Smith ilustrou. Tenho grande admiração por Smith, suas obras (como autor e/ou ilustrador) são sempre especiais (recebeu o prêmio Hans Christian Andersen em 2024). O impacto das ilustrações que representam a tempestade se formando e chegando com uma potência imensa transforma a leitura em uma aventura surpreendente, com o suspense permanente se as crianças chegarão seguras ao abrigo. A figura da mãe (ou protetora), que não é mencionada no texto, representa a segurança do lar. Após a tormenta, com o céu limpo, lá está ela, acompanhando as crianças na aventura de viver.



A Festa no Céu – (Compor) – Reconto de Tino Freitas com ilustrações de Romont Willy. Tino Freitas é um contador de histórias muito especial. Seu bom humor contamina e, uma história que poderia terminar de forma trágica, nos faz dar boas risadas. Uma delícia esse reconto e as ilustrações alegrem ainda mais, enchendo o livro com cores e alegria. E o sapo esperto, quase... se deu mal. Parabéns à editora pela série *Clássicos Compor para Crianças!*

BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



ANDRÉA FÁTIMA DOS SANTOS

(São Paulo, em 1975) Formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é autora de romances, contos e livros juvenis. Na adolescência escrevia contos eróticos quando recebeu o convite para criar uma seção de respostas a dúvidas sobre sexo, como um personagem. Criou então o seu pseudônimo, Andrea Del Fuego, referência à Luz del Fuego. Seu primeiro romance, *Os Malaquias* (2010), conta a história de três irmãos que ficam órfãos quando seus pais são atingidos por um raio, sendo agraciado como Prêmio José Saramago de 2011. Foi publicado na Alemanha, Itália, Israel, Suécia, Portugal e Argentina. Seu último romance, *As Miniaturas*, foi publicado na Argentina e na França. Autora também da trilogia de contos *Minto Enquanto Posso*, *Nego Tudo* e *Engano Seu*, dos juvenis *Sociedade da Caveira de Cristal*, *Quase Caio* e *Irmãs de Pelúcia*. Ganhou o prêmio Literatura Para Todos do Ministério da Educação com a novela *Sofia, o Cobrador e o Motorista*. Obras publicadas: Romances: 2021 – *A Pediatra* (Companhia das Letras); 2013 – *As Miniaturas* (Companhia das Letras); Contos: 2009 – *Nego Fogo* (Dulcinéia Catadora); 2007 – *Engano Seu* (Ed. O Nome da Rosa); 2005 – *Nego Tudo* (Fina Flor); 2004 – *Minto Enquanto Posso* (Ed. O Nome da Rosa); Infanto-juvenis: 2013 – *Sociedade da Caveira de Cristal* (Scipione); 2008 – *Quase Caio* (Escala Educacional); 2008 – *Crônica* (Escala Educacional).

acervo JL



CRISTOVÃO CESAR TEZZA

(Lages, 21 de agosto de 1952) Escritor brasileiro. Em 2026 recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Escreveu os romances *Trapo* (1988), *Juliano Pavollini* (1991), *O Fantasma da Infância* (1992), *Uma Noite em Curitiba* (1995), *Breve Espaço* (1998), *O Fotógrafo* (2004), *A Tensão Superficial do Tempo* (2020) e *Beatriz e o Poeta* (2022). Formou-se em Letras em 1982, na Universidade Federal do Paraná. Fez mestrado em Literatura Brasileira na UFSC (1984), onde começou a dar aulas de Língua Portuguesa como professor auxiliar. Em 1986, entrou para o Departamento de Linguística da UFPR, também na área de Língua Portuguesa, até 2009, quando se demitiu para se dedicar exclusivamente à literatura. Seus livros já foram publicados em uma dezena de países: França, Austrália, China, Croácia, Inglaterra, México, Macedônia, Portugal, Dinamarca (*O Filho Eterno*); Itália (*O Filho Eterno e O Professor*); Holanda (*O Filho Eterno e Um Erro Emocional*); Eslovênia (*Uma Noite em Curitiba e O Filho Eterno*); Noruega (*O Filho Eterno e O Professor*); Finlândia (*O Filho Eterno e O Professor*); Estados Unidos (*O Filho Eterno e Breve Espaço entre Cor e Sombra*); Portugal (*O Filho Eterno*) e Espanha (edição em catalão de *O Filho Eterno*). Além dos romances, tem contos publicados na Alemanha, Áustria, Inglaterra, Finlândia, Itália, Rússia, França, Estados Unidos, Equador e México.

acervo JL



LÍDIA JORGE

(Boliquire, Loulé, 18 de junho de 1946) Escritora portuguesa. Lídia Jorge foi criada num meio rural, de uma família de agricultores. Licenciou-se em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Décadas depois, veio a lecionar também, como professora convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre 1995 e 1999. Romances: *O Dia dos Prodígios* – 1980; *O Cais das Merendas* – 1982; *Notícia da Cidade Silvestre* – 1984; *A Costa dos Murmúrios* – 1988; *A Última Dona* – 1992; *O Vale da Paixão* – 1998; *A Noite das Mulheres Cantoras* – 2011; *Os Memoráveis* – 2014; *Estuário* – 2018; *Misericórdia* – 2022. Contos: *A Instrumentalina* – 1992; *O Belo Adormecido* – 2004; *Praça de Londres* – 2008; *Amor em Lobito Bay* – 2016 (antologia). Literatura Infantil: *O Grande Voo do Pardal*, ilustrado por Inês de Oliveira – 2007; *O Conto da Isabelinha – Lilibeth's Tale*, ilustrado por Dave Sutton – 2018. Teatro: *A Maçon* – 1997; *Instruções para Voar* – 2016. Prêmios literários: Prêmio Malheiro Dias, Academia das Ciências de Lisboa (1981); Prêmio Literário Cidade de Lisboa (1982 e 1984), Prêmio Correntes d'Escritas (2002), *O Vento Assobiando nas Gruas*, Prêmio da Latinidade, João Neves da Fontoura, União Latina (2011); Grande Prêmio de Literatura DST (2019), Prêmio do PEN Clube Português de narrativa (2023), *Misericórdia*, Prêmio Literário Fernando Namora (2023); Prêmio Estatal Austríaco de Literatura Europeia (2026) e Prêmio Camões (2026).

Noite de temporal

Por Danilo Gomes*

“Outrora, no meu tempo de menino, como era bom quando chovia assim, interminavelmente. (...) Chove sobre esse passado. Os olhos úmidos procuram as ruas que pareciam estradas. Os ouvidos em vão tentam surpreender as vozes que contavam histórias de dilúvios. Chove sobre túmulos. As árvores estão pesadas das grandes chuvas intermináveis e monótonas.” (Augusto Frederico Schmidt, “As Florestas – páginas de memórias”).

Volto ao tempo das lamparinas a óleo, dos lampiões de querosene em noites bem escuras, em que a luz elétrica pifa, “vai embora”. Já era uma luz mortiça, amarelada, e agora apagou de todo. Noites de chuva forte. Os mais velhos anunciavam: “É chuva para três dias, chuva de inverno...” Era uma noite assim, agora, mais uma vez, me recordo. Meu pai dizia: “um temporal medonho.” Não deixava de ser. Esse medonho temporal açoitava minha então pequena cidade de Mariana. Viajo no tempo. É um ano de antigamente. Talvez 1949, agora só Deus sabe ao certo. Pode ser 1948, tempo do presidente Eurico Gaspar Dutra. Deposto em 1945, Getúlio Vargas se enfurnou nos seus pagos gaúchos, em Itu, Santos Reis e depois São Borja, tomando chimarrão na cuia (porongo) quente, olhando a natal savana verde e aguardando o giro da Roda do Destino. Ele, Getúlio, voltará ao Palácio do Catete, para lá morrer com um tiro no peito, dado por ele mesmo. Mas isso só na manhã de 24 de agosto de 1954.

Volto a Mariana. Ainda estamos em 1948, talvez 1949. As chamas dos lampiões alumiam a escuridão. Ventos fortes, trovoadas ruidosas, muitos raios – raios do outro mundo.

Um lampião alumia o corredor que vai dar na cozinha, onde brasas ainda crepitam no fogão; linguças penduradas, defumando. Não existe forno elétrico, geladeira, televisão, garrafa térmica. Na parede, um velho telefone raramente usado. O rádio é um grande Tekefunken, cheio de ruídos, na sala grande. Na despensa, grandes latas de banha de porco.

Do Barro Preto ao Alto da Igreja de São Pedro e até o bairro de nome Chácara, o toró inunda toda a cidade, fundada como arraial em 1696.

O temporal continua. Invocam-se São Jerônimo e Santa Bárbara, a cada trovão. Deve ser coisa de dez horas da noite. Os meninos (ainda somos três) estão agitados. A mãe, Dorita, e a velha empregada, Maria Augusta, de apelido Baía (corruptela de seu nome), rezam. Primeira ordem unida contra raios: não tocar em garfas, facas, colheres, chaves de fenda, nada que atraísse descargas elétricas vindas do espaço carregado. O pai, de pijama, fuma um forte cigarro Douradinho Extra. Ou Caporal Douradinho. Ou, talvez, Continental. Ele estava lendo uma revista, quando a luz elétrica foi para o beleléu, o que todos já esperavam. E as invocações hagiológicas continuavam como proteção garantida: “São Jerônimo!”, “Santa Bárbara!” Palmas de Santa Rita nos corredores. A chuva trouxe o frio.

A tempestade abrandou um pouco. O aguaceiro diminuiu, mas não parou. Contudo, ainda se ouvia trovões.

Foi quando bateram na porta da rua. Pancadas fortes. Quem será, a essa hora e com essa chuva? Meu pai foi abrir a porta; eu fui atrás, filho mais velho, curioso.

Meu pai abriu a porta.

Todo molhado, surgiu Calixto, o conhecido bombeiro-encanador, que fazia serviços por toda a cidade. Afrodescendente, grande bigode, baixinho – e bêbado, como sempre. Foi logo dizendo, com voz grossa, quase ameaçadora:

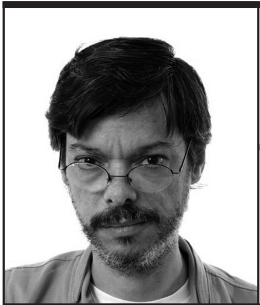
– Daniel, vim te dar uma facada!

Levei um susto, um choque. Segurei a perna de meu pai, apavorado com aquela história de facada. Até hoje me lembro. A facada de Calixto, na noite escura de “temporal medonho”. Por certo comecei a chorar, esperando que o bêbado fizesse a loucura de puxar da cintura um punhal, uma faca mortal. “Daniel, vim te dar uma facada!”

A custo meu pai me sossegou. Não, Calixto só veio pedir um dinheiro “emprestado”, por certo para tomar mais umas pingas, no boteco de Geraldo Faísca, perto da Pensão Souza, quase na beira do Ribeirão do Carmo. Certamente meu pai o atendeu, e ele, com uns dez mil-réis no bolso, saiu na chuva, meio “sambado...”

Até hoje, quase oitenta anos depois, ainda vejo Calixto na minha frente, naquela noite tenebrosa, de raios, trovões, aguaceiro. A invisível faca mortal de Calixto como que ainda me assombra, no tempo da velhice. Está lá, no subconsciente, não sei onde, nas profundezas da alma, subterrâneos de Freuds e Jungs. Uma faca, um facão, um punhal, uma arma branca toledana, uma cimitarra de Damasco ou de Bagdad, dos tempos das Mil e Uma Noites... Mas era só o pobre Calixto, bêbado, numa noite de tempestade...

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.



Por Zé Roberto



zerobertograuna@gmail.com



A jovem artista e seu troféu.

A TALENTOSA CAROLINA SPRUCK



Cartaz do Salãozinho de Humor criado pela artista.

O Salão Internacional de Humor de Piracicaba é, com certeza, o maior e mais longo evento do gênero no mundo, certamente que cresce a cada edição, principalmente por ter se tornado um exemplo de inclusão às minorias e incentivo a artistas mais jovens. Atualmente, o salão apresenta 3 eventos anuais: a mostra feminina Lápis, Baton e o que Elas Quiserem, o Salãozinho de Humor (para crianças a partir dos 7 anos) e o Salão Internacional de Humor propriamente dito, quando artistas profissionais e amadores disputam a simples classificação para a exposição (o que já é considerado um prêmio) e, consequentemente, as cobiçadas

recompensas em dinheiro e troféus tradicionais.

Na edições mais recentes do Salãozinho de Humor, uma criança bastante talentosa tem se destacado desde 2022: Carolina Orlando Spruck. A menina surgiu, quando em sua primeira participação, com apenas 8 anos, foi selecionada e premiada com o 1º lugar graças a uma

interessante charge exaltando a importância do ciclismo urbano e a segurança dos usuários. A charge foi criada quando a pequena artista viu seu pai, Alexandre, presente num passeio ciclístico na cidade, evento que teve a participação e o incentivo da jornalista e cicloativista Renata Falzoni. O desenho foi muito bem recebido pelo júri de premiação, mas também não passou despercebido pela Câmara de Vereadores da cidade, na pessoa do vereador Thiago Ribeiro (PSC), que, ao perceber a importância da mensagem ilustrada por Carolina, concedeu uma moção de aplauso à artista juvenil, destacando ainda mais sua arte premiada.

Incentivada pelos pais a consumir arte e cultura desde seus primeiros anos de vida, Carolina se habituou a conviver com artes em todas as suas vertentes, como a música, dança, fotografia, desenho e pintura. Especialmente a prática do desenho surgiu com maior ênfase quando, a partir de fevereiro de 2020, o mundo foi atingido pela crise da Covid-19, Carolina e seus pais, para passar pelo isolamento social, ocuparam o tempo frequentando cursos virtuais. Numa dessas oportunidades, a menina iniciou o curso de desenho oferecido pelo cartunista e ilustrador Dirceu Veiga. A partir daí, Carolina não parou mais e buscou outros cursos de artes para manifestar sua verve de ilustradora e cartunista. Também on-line, estudou com Andrei Marani e, presencialmente, na escola de artes e desenho Bauhaus Piracicaba.

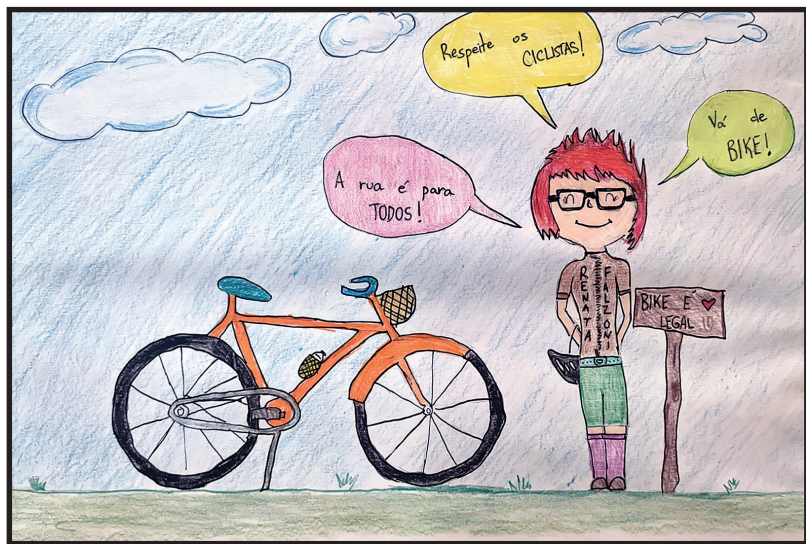
Após sua primeira e vitoriosa participação no Salãozinho de Humor, Carolina marcou presença em todas as edições posteriores, de 2023 a 2025 foi classificada com desenhos e esculturas e novamente agraciada, desta vez, com o 3º lugar, em 2024, quando exibiu uma caricatura do cartunista Ziraldo. Agora, em 2026, para a 24ª edição do Salãozinho de Humor, com apenas 12 anos, a desenhista foi convidada para criar o cartaz de divulgação do Salãozinho de Humor. Ao desenvolver a peça gráfica, Carolina mostrou maturidade surpreendente ao criar uma cena de extrema beleza lúdica e divertida. A pequena cartunista criou uma belíssima ilustração cheia de referências da cidade, destacando o famoso rio, a ponte pênsil e a fauna local, com as presenças de peixes coloridos e simpáticas capivaras, detalhes muito bem desenhados pela jovem talentosa que esbanja humor e criatividade. Para quem vê o cartaz criado por Carolina, percebe um claro encaminhamento para tornar-se numa futura ilustradora de literatura infantojuvenil. Sobre o tema, Carolina nos disse que ainda não sabe ao certo se percorrerá esse caminho: “Não tenho certeza se realmente isso marcará o meu futuro, se serei uma ilustradora, mas tenho muito interesse em literatura, amo muito ler e também escrever, seria uma experiência muito diferente e incrível”, afirma com maturidade.

Nascida no dia 13 de maio de 2014, Carolina está cursando o sétimo ano, na escola Maple Bear Canadian School Piracicaba. “É uma excelente aluna, sempre apresentando boas notas e interesse nas matérias”, diz Maria Elisa Spruck, a orgulhosa mãe da talentosa menina, que também nos informa que a artista mirim ainda não possui redes sociais, mas que, quando ela tiver um pouco mais de idade, terá um perfil no qual poderá exibir suas artes para todos que a admiram.

Saúde e Arte!



Ziraldo visto por Carolina.



PÉDEPOESIA

Por Rose Lima*



Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o PÉDEPOESIA, uma mostra de poesias que reúne alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

Em letras maiúsculas, tudo junto, como quem não separa palavra de sentimento.

O PÉDEPOESIA é um grupo literário formado por alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, além de pais, professores, escritores e apreciadores da natureza e da poesia.

Costumo dizer: somos girassóis, semeando palavras poéticas, afetos e ESPERANÇA.

Nosso caminhar floresce em temas essenciais:

- Meio ambiente
- Sustentabilidade
- Conservação dos ecossistemas
- Questões ambientais
- Proteção ao planeta Terra
- Cuidado com a natureza, com os animais e com o ser humano

Em 2022, idealizei o projeto PÉDEPOESIA ao lado da estátua de Clarice Lispector, na Pedra do Leme (RJ). Organizei um calendário de atividades com unidades escolares do entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Parque Natural Municipal da Catacumba. Foram quatro encontros reunindo alunos e professores em torno da poesia, da literatura, da leitura, da escrita, da arte e da preservação ambiental.

No Dia Mundial do Meio Ambiente, em 5 de junho de 2022, realizamos um Varal de Poesias e um Sarau no Parque da Catacumba (Lagoa – RJ), entre outras atividades.

No mesmo ano, recebemos, na Quinta da Boa Vista (São Cristóvão – RJ), alunos e professores da Escola Municipal José Moreira da Silva, iniciando uma parceria marcante. A convite de outras escolas municipais da região, apresentei o PÉDEPOESIA, que passou a contar com a adesão de novas unidades escolares.

Em 2023, publicamos o livro PÉDEPOESIA. O lançamento aconteceu na Bienal Internacional do Livro do Rio, no Riocentro, no estande da Editora Conejo, com a presença dos autores, entre eles alunos e professores das escolas participantes do projeto: EM José Moreira da Silva, EM Orlando Villas Boas, CIEP Henfil, GET Mascarenhas de Moraes e EM Pedro Ernesto.

Alunos e professores receberam, gratuitamente, um exemplar do livro.

Ainda em 2023, realizamos uma sessão de autógrafos na Sala de Sessões e o Sarau PÉDEPOESIA no Teatro, ambos espaços do Centro Cultural Justiça Federal, localizado no Centro do Rio de Janeiro.



Apresentação de poesia.



Em 2025, a Revista Literária PÉDEPOESIA nº 1 reúne cartas poéticas, e a Revista Literária PÉDEPOESIA nº 2, poemas. Em ambas as revistas, publicamos textos de escritores, alunos e professores do Rio de Janeiro e de Juiz de Fora (MG).

Na Bienal Internacional do Livro do Rio, apresentei as obras literárias do projeto em uma palestra. Alguns autores estiveram presentes e compartilharam suas experiências e a importância de fazer parte do PÉDEPOESIA.

Agora em 2026, entre flores, livros e versos, realizamos, no dia 12 de junho, o Sarau PÉDEPOESIA, no palco do Centro Cultural Justiça Federal. Contamos com a apresentação de 32 poetas, entre eles, as crianças Richard Maciel Lima Gameiro e Lavínia Lima, e os alunos da professora Simone Lacerda (EM José Moreira da Silva): Julia Melo, Pedro Diego, Victor Monteiro, Maycon da Silva e Gabriel Henrique.

Foi um encontro emocionante, marcado pela leitura de poesias que celebraram a natureza e despertaram reflexões sobre a importância de cuidarmos do meio ambiente. Em um espaço histórico da cidade do Rio de Janeiro, poesia, educação e cultura uniram-se por meio da palavra, sensibilizando o público e reafirmando o compromisso com a preservação ambiental. Com entrada gratuita e aberta ao público, o evento foi um grande sucesso.

Em nosso grupo de WhatsApp, compartilhamos reflexões, inspirações para a escrita e informações sobre encontros e futuras publicações. O grupo permanece fechado na maior parte do tempo, mas, quando é aberto, os participantes podem enviar textos autorais relacionados com aos temas propostos.

Nada é obrigatório. No entanto, seu poema poderá ser selecionado para compor a Revista Literária PÉDEPOESIA nº 3, prevista para 2027.

Você será muito bem-vindo(a) ao nosso grupo de WhatsApp e também convidado(a) a conhecer nossas revistas literárias digitais por meio do link disponível na bio do Instagram @poesiaempe.

*Rose Lima é coordenadora do PÉDEPOESIA
@rose_poesias / @poesiaempe.

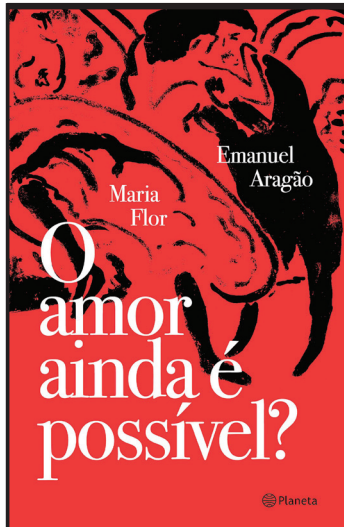


Professora com seus alunos.

Novos Lançamentos

Por Beth Alves

bethalves2025@gmail.com



VIDA A DOIS

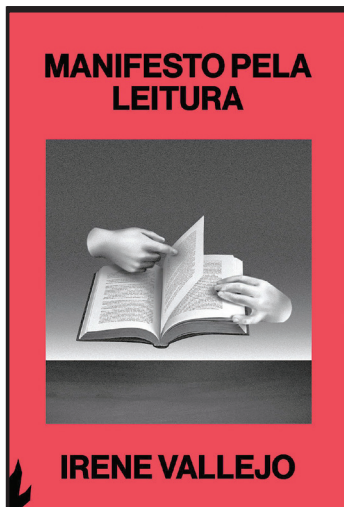
Quando já não conseguiam conversar, Maria Flor e Emanuel Aragão trocaram cartas por 180 dias. *O Amor Ainda é Possível?* é um livro íntimo e potente sobre o amor e o amar nos dias de hoje. O que fazer frente às dificuldades que atravessam a vida a dois, quando a conversa já não encontra lugar no cotidiano? Diante desse cenário, o casal Maria Flor e Emanuel Aragão recorreu a um gesto antigo: escrever. Ao longo de seis meses, trocaram cartas na tentativa de dizer o que se acumulou em silêncio, e de sustentar, pela linguagem, um espaço de escuta possível. Assim nasceu *O Amor Ainda é Possível?*, um livro capaz de transformar a experiência íntima em reflexão compartilhada, atravessando temas como desejo, exaustão, filhos, redes sociais, rotina, tempo.

Entre confissão e elaboração, intuição e análise, as vozes de Flor e Manu se misturam e se entrelaçam, dando forma a um texto em que o íntimo e o particular se abrem ao universal – e em que a pergunta que o atravessa encontra, nos leitores, novas ressonâncias. *O Amor Ainda é Possível* sai sob a égide da Editora Planeta.



ESPELHO ABERTO

Por muitos anos vivi sobre as águas, encarando tempestades reais e invisíveis. Era preciso ser forte, resistente, e garantir o sustento da minha família. A vida ali, entre o azul profundo e o céu aberto, ensinou-me sobre o poder da espera, da coragem silenciosa e do amor que se faz na rotina dura. Este livro *O Espelho do Tempo* (Filos Editora), é o resultado dessa descoberta. Um convite para olhar para si com gentileza, para aceitar as marcas da jornada e abraçar a maturidade como uma dança única, feita de calma, aprendizado e amor. Não escrevi este livro para contar o tempo, mas para atravessá-lo. Cada página é um mergulho naquilo que não coube nos dias apressados, no que ficou guardado entre silêncios, no que me transformou e mesmo assim permaneceu. Escrevi com as mãos marcadas pela vida, com os olhos que já viram o longe dos mares e com o coração que aprendeu entre perdas e reencontros que existir é mais do que passar, é sentir até o fundo. Este não é um livro de respostas. É um espelho aberto. E quem ousar atravessá-lo talvez encontre mais do que lembranças: encontre a si mesmo despido das pressas revestido de verdade.



MORADA DA MEMÓRIA

O *Manifesto pela Leitura* é uma obra da escritora e filóloga espanhola Irene Vallejo, autora do sucesso mundial *O Infinito em um Junco*. Publicado no Brasil em meados de 2026 pelas editoras Dublinense e Seiva, o livro funciona como uma defesa apaixonada do livro e da leitura como refúgio, ferramenta crítica e ato de resistência no século XXI. Para entender o impacto desta obra e a urgência de debater o hábito de ler nos dias de hoje: Livros são a morada da memória e portais para imaginar o futuro. Eles aguçam nossa maior força, a criatividade: a mesma que inventou o mito de Ícaro e os aviões, que sonha o impossível para torná-lo realidade. Ler desenvolve, a um só instante, a capacidade de enxergar com os olhos dos

outros e com os olhos da nossa própria mente. Editado em parceria entre as editoras Dublinense e Seiva, este *Manifesto pela Leitura* é uma celebração apaixonada, para a qual estão convidados todos aqueles que acreditam no poder desses pequenos objetos que chamamos de livros: capazes de transformar as pessoas e, portanto, o mundo.



PONTO DE VISTA

Depois de se assumir gay para o mundo, Mateus, de quinze anos, vai passar as férias de verão com a família no sítio de seu avô, José Guimarães, no interior de São Paulo. O patriarca é um famoso escritor que está concorrendo ao prêmio máximo da literatura brasileira pela continuação de um de seus renomados romances – uma história de amor entre duas mulheres nos anos 1970. Mas, em meio à celebração, José é questionado por uma jornalista que investiga a verdadeira autoria de suas obras. Isso porque, há anos, a escritora Ana Cristina Figueiredo alega que ele se apoderou de sua história para escrever o livro que lhe rendeu tanto prestígio. Curioso para saber a verdade, Mateus se junta a sua prima Sofia para investigar o passado de seu avô e de toda a família. Ao descobrirem o diário escondido de sua falecida avó, perceberão que tudo o que entendiam como fato pode ser apenas um ponto de vista e que o amor talvez seja a maior de todas as revoluções. Do escritor brasileiro Lucas Rocha, *A História Que Nunca Vivemos* (Editora Alt) é um romance envolvente com toques de mistério sobre família, identidade, amor e literatura.



TRANSFORMAÇÃO

Em *O Século dos Imbecis* (Biblioteca Azul), o premiado escritor português Valter Hugo Mãe constrói uma fábula tão divertida quanto inquietante sobre o mundo em que vivemos. Entre o riso e a reflexão, o autor investiga as contradições humanas e questiona quais valores ainda podem nos salvar em tempos de excessos, intolerância e desorientação. No alto das montanhas ergue-se a Malandrinha, palacete que domina a paisagem de um pequeno vilarejo. Ali vive Agilulfo, o excêntrico Marquês da Malandrinha, conhecido por uma característica tão insólita quanto reveladora: quanto mais desce em direção ao nível do mar, mais emburrece; quanto mais sobe a montanha, mais lúcido e brilhante se torna. Figura de fascínio para toda a comunidade, Agilulfo desperta paixões, ambições e ressentimentos, enquanto ao seu redor se desenrola uma trama marcada por luxúria, inveja, vergonha, desejo, ganância, empatia, solidariedade e estupidez. Ao mesmo tempo, as mulheres do vilarejo, com sua força silenciosa e sua capacidade de desafiar convenções, tornam-se peças fundamentais na transformação dos destinos individuais e coletivos.

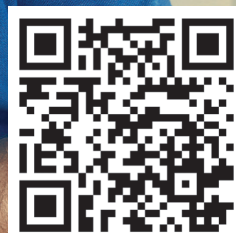


ABISMO

Em seu novo romance, *Quando*, Carla Madeira explora temas como maternidade, culpa, homofobia e violência no Brasil da década de 1980, mostrando, com riqueza de recursos formais, porque se tornou a escritora mais vendida do país. Viridiana é a mãe amorosa e atenta de Margarida, Valquíria e Tito. No calor de um acontecimento trágico, será capaz do ato impensado: denunciar o próprio filho à polícia, o que abre um abismo entre eles. Depois de vinte anos sem se verem, quando o tempo parece ter dissolvido todas as possibilidades, Carla Madeira nos colocará diante da extraordinária força dos afetos. “Este livro é uma leitura aguçada e potente de um tecido do Brasil e também um convite para outras tramas do nosso tecido social.” – Rita von Hunty (na orelha de *Quando*). Carla Madeira nasceu em Belo Horizonte em 1964. Largou um curso de Matemática e se formou em Jornalismo e Publicidade. Foi professora de redação publicitária na Universidade Federal de Minas Gerais, e sócia e diretora de criação da agência de comunicação Lápis Raro. Pela Editora Record, é também autora de *Tudo é Rio*, *A Natureza da Mordida* e *Véspera*.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

CNC · Federações · Sindicatos · Sesc · Senac
Sistema Comércio

Museu do Pontal, 50 anos: a arte do povo como escrita do Brasil

Por Manoela Ferrari



O sergipano Cícero Alves dos Santos, o Vêio, um dos mais importantes artistas do país, integra a programação comemorativa do cinquentenário do Museu do Pontal, no Rio de Janeiro. Foto: Lucas Van de Beuque.

Para marcar seu cinquentenário, o Museu do Pontal lançou uma campanha comemorativa que será desenvolvida ao longo de um ano, com um selo desenvolvido especialmente para acompanhar todas as ações desse período. A programação teve início em agosto, com o lançamento da exposição panorâmica dedicada ao sergipano Cícero Alves dos Santos, o Vêio, um dos mais importantes artistas do país.

Reunindo 300 obras, a mostra, com curadoria de Angela Mascelani e Lucas Van de Beuque, remete aos primórdios do acervo: Vêio, hoje reverenciado internacionalmente, esteve entre os primeiros artistas adquiridos pelo fundador da coleção, Jacques Van de Beuque (1922–2000), na década de 1950.

Fundado em 1976, no Rio de Janeiro, o Museu do Pontal construiu um dos mais importantes acervos do país e tornou-se referência na valorização de artistas das camadas populares cuja produção é fundamental para compreender a riqueza, a complexidade e a pluralidade da cultura brasileira. Com um trabalho qualificado e ininterrupto, a instituição ajudou a transformar o modo como essas produções são vistas, estudadas e apresentadas ao público. Desde a sua criação, atua para ampliar o reconhecimento de artistas que permaneceram à margem das narrativas predominantes da história da arte, evidenciando a força de suas linguagens, repertórios e visões de mundo.

Formado por mais de 10 mil obras de cerca de 300 artistas de 23 estados brasileiros e em constante expansão, o acervo do Museu revela um país múltiplo e em permanente movimento. São trabalhos que expressam experiências, memórias, modos de viver e de imaginar o mundo, compondo um amplo panorama da criação



Uma das peças assinadas pelo artista Vêio, em exposição no Museu do Pontal.



A poética singular, profundamente autoral, do artista Vêio pode ser apreciada em exposição comemorativa dos 50 anos do Museu do Pontal.

artística brasileira produzida ao longo dos séculos XX e XXI.

Ao longo de sua história, o Museu do Pontal consolidou uma atuação que ultrapassa os limites da preservação museológica. Por meio de exposições, pesquisas, publicações, programas educativos e ações culturais, vem produzindo conhecimento e contribuindo para ampliar o debate

sobrea arte brasileira e seus protagonistas.

Hoje, instalado na Barra da Tijuca, em uma sede moderna e sustentável, premiada internacionalmente, construída especialmente para acolher com segurança seu acervo, o Museu do Pontal reafirma sua vocação como espaço de encontro, convivência, pesquisa e formação. Oferecendo exposições e uma intensa programação educativa e cultural, se consolidou como um equipamento cultural vivo, um museu-praça aberto a todos os públicos.

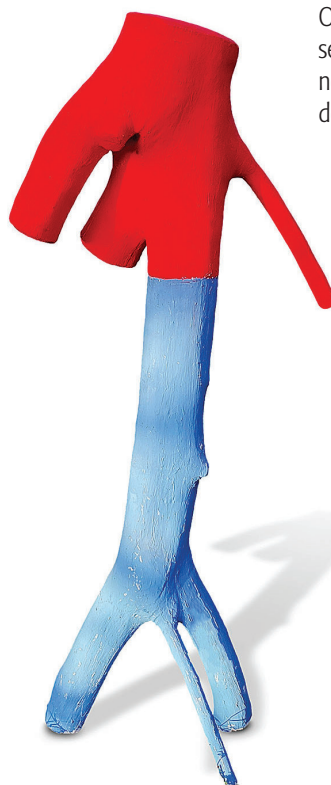


Serviço:

Avenida Celia Ribeiro da Silva Mendes, 3.300, Barra da Tijuca.

Aberto de quinta a domingo, das 10h às 18h (o acesso às exposições se encerra às 17h30).

A exposição panorâmica, com obras do sergipano Vêio, pode ser apreciada no Museu do Pontal até o final do ano.



O acervo do Museu do Pontal amplia a presença dos artistas das camadas populares no sistema da arte e na memória cultural do país.

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos*

A professora, acadêmica e escritora Luiza Lobo publicou o seu primeiro trabalho de ficção em 1968, trata-se do conto “De como me transformei em repasto de morcegos malvados”, na *Antologia de Contistas Novos*, organizada pelo escritor Moacir C. Lopes. Carioca, Luiza Lobo é hoje uma das mais sólidas vozes da literatura brasileira contemporânea. Doutora pela PUC-Rio e com dois pós-doutorados – na Universidade de Nova York e na Freie Universität de Berlim –, foi professora da Faculdade de Letras da UFRJ, da Universidade de Poitiers (2010) e conferenciou em instituições como Oxford, Sorbonne, Yale e Princeton. Ao longo de mais de cinco décadas, publicou 24 livros, sendo oito de ficção, além de mais de 200 ensaios de crítica literária e cerca de 150 resenhas em veículos como *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Membro da Academia Brasileira de Filologia (cadeira 22), do Pen Clube do Brasil (desde 1983) e da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (desde 2019) e da Academia Carioca de Letras (desde 2025), é também tradutora de Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Edgar Allan Poe e Robert Burns, entre outros.

Dentre seus muitos trabalhos, ela nos brindou com o romance *Terras Proibidas: A saga do café no vale do Paraíba do Sul* (ou, simplesmente, *Terras Proibidas: o Vale do Café*, em edição mais recente), que mereceu o prêmio do Pen Clube do Brasil de narrativa, em 2013, e a sua sequência, intitulada *Fábrica de Mentiras: do Vale do Café ao Arco do Triunfo*. O primeiro livro acompanha a imigração, no século XVIII, de famílias que se fixaram na região de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, que vieram a desempenhar importante papel econômico e social na região, retratando a vida de fazendeiros, barões e escravizados. No segundo romance, Luiza passeia entre os séculos XIX e XX, abordando as gerações seguintes à daqueles pioneiros, com foco na figura da milionária Eufrásia Teixeira Leite, que emigrou para a Europa em companhia de sua irmã Chiquinha para se tornar a primeira brasileira a ser reconhecida como investidora de peso em um mundo que dava os primeiros passos para a globalização do capital, tal como o conhecemos hoje.

Em seu livro mais recente, *Uma Outra Dimensão*, ela retoma o gênero de estreia, mas em uma vertente particular: o fantástico. Aprendi com escritores como Julio Cortázar (1914-1984) que o que mais pode interessar na literatura fantástica é, contraditoriamente, o que ela mais descortina sobre o palpável da nossa realidade. Talvez, até sobre aquilo que não pode ser dito, o interdito, como no tempo em que, assolados pelos terrores das ditaduras que se abateram sobre a América latina, escritores latino-americanos das décadas de 1960 e 1970 se refugiavam na escrita fantástica para divisar, quem sabe, uma nova realidade menos dura, mais possível ou para fazer surgir do fantástico as dores mais profundas e indizíveis da repressão. A obra de Cortázar, que em contos como “Casa Tomada” fez do insólito a porta de entrada para revelar vertigens íntimas, ressoa em Luiza Lobo como uma herança consciente e devidamente metabolizada.

Mas o fantástico de Luiza Lobo não se filia exclusivamente à tradição hispano-americana. Ela dialoga igualmente com a vertente anglo-saxônica que vai de Edgar Allan Poe – cujos contos a própria autora traduziu – até Shirley Jackson, mestra da ameaça de ambiente, como no romance de 1957, *The Haunting of Hill House*, que parece ecoar nas atmosferas claustrofóbicas de alguns contos do livro. Não menos presente está a influência de Franz Kafka, cujo universo de metamorfoses e violência encontra no conto de abertura – com seu macaco Roberto e suas ressonâncias com *Frankenstein*, de Mary Shelley – um contraponto brasileiro, carregado de crítica social. Mais próximo de nosso contexto literário, o fantástico de Luiza Lobo também pode ser lido em diálogo com a obra de Murilo Rubião, pioneiro do gênero no Brasil, e com a dimensão surreal que perpassa contos de Clarice Lispector, como em *A Maçã no Escuro*. Talvez seja disso que se trate, em última instância, o fantástico de qualidade: da capacidade de revelar, através do irreal, o que chamamos de real.

Não terei espaço aqui para falar de cada conto do livro de

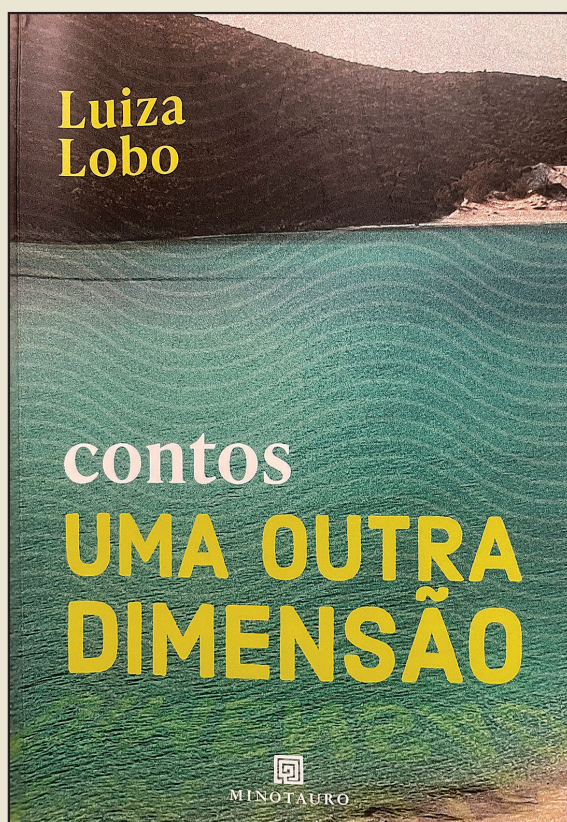
Luiza Lobo, mas é importante chamar a atenção dos leitores para a percepção de que os personagens dessa obra são verdadeiras iluminações sobre a condição humana. O seu fantástico, muitas vezes, parece querer revelar o que há de mais real em nós: a nossa rudeza, ardilosa e escondida no misterioso teatro de nossas existências. No conto de abertura, a autora constrói um paralelo entre a aparição de um macaco e o personagem de *Frankenstein*. A relação não está apenas na citação constante da obra de Mary Shelley, mas também em como o macaco Roberto é tratado como se fosse um monstro. Outro tema central do conto é a banalidade da violência: trata-se de um mundo no qual todas as pessoas estão armadas e qualquer motivo é razão para a explosão coletiva. Nesse enquadramento, uma mulher trancafiada em um apartamento pelo marido ausente idealiza um macaco que lhe vem visitar à janela como amante. Oprimida por um ciumento que não conseguia sequer conceber a sua mulher dando atenção a um filho, ela dá à luz uma criança que mais se assemelhava ao macaco. O conto, ao mesmo tempo delirante e preciso, ecoa o melhor da tra-

dição do gótico feminista: a subversão do doméstico como espaço de horror.

Vale citar, também, o conto “O Mestre Radim e Seu Falso Cadafalso”, em que um mágico que faz coisas óbvias, mas que é tido como um grande ilusionista, tem a sua percepção da magia ressignificada pelo seu encontro com um mágico das palavras, em uma amostra do poder das palavras em nossas vidas. O conto conversa, de certa forma, com o ensaio clássico de Walter Benjamin “O narrador”, no qual o filósofo alemão reflete sobre a crise da experiência e a perda da arte de narrar no mundo moderno. Luiza Lobo parece fazer o caminho inverso: restituir, pela ficção, o poder inaugural da palavra narrada. Talvez, seja disso que no fundo se trate o livro de Luiza Lobo: uma grande homenagem às palavras e ao seu poder encantatório, sobretudo quando se fazem presentes em nossa vida em forma de tão boa literatura.

Com 240 páginas densas e férteis, o livro *Uma Outra Dimensão* confirma Luiza Lobo como uma autora capaz de transitar com desenvoltura entre o realismo histórico de seus romances e a vertigem literária de um fantástico que, ao iluminar o irreal, nos revela o que há de mais verdadeiro em nós, justamente, aquilo, que muitas vezes desejamos esconder.

*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.



Philippe Grandcolas

Claire Marc

[org.]

PARA ENTENDER (QUASE) TUDO SOBRE A BIODIVERSIDADE



edições
Sesc

O que significa biodiversidade? O que determina o desaparecimento de uma espécie? Neste livro, especialistas de diferentes áreas científicas respondem a essas e outras questões de forma acessível, apresentando os principais conceitos sobre o tema e ressaltando os impactos da superexploração humana nos ecossistemas.

  /edicoessescsp

sescsp.org.br/edicoes

edições
Sesc